



RIO GRANDE DE SÃO PEDRO

Welci Nascimento



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



Welci Nascimento, professor, hoje com 82 anos de idade, natural de Palmeira das Missões e radicado, ha muitos anos em Passo Fundo. É socio benemérito e Patrão de Honra do CTG Lalau Miranda de Passo Fundo tendo sido Assessor Cultural da 7ª Região Tradicionalista do MTG.

Welci Nascimento

RIO GRANDE DE SÃO PEDRO



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2014

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilhualgal 3.0 Nao Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Imagem da Capa de Frederico Reflr, galopiando em las cuchillas.

N244r Nascimento, Welci

Rio Grande de São Pedro [recurso eletrônico] / Welci Nascimento. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2014.

10 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-079-0

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Rio Grande do Sul – História. 2. Historiografia. 3. Colonização. 4. Folclore. I. Título.

CDU: 981.65

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

SUMÁRIO

LAMENTO DO PASTOREIO.....	5
DOIS DEDOS DE PROSA.....	7
1. NO INÍCIO... ..	9
2. ONDE COMEÇOU O RIO GRANDE?	15
3. O GAÚCHO.....	19
4. O CONTINENTE DE SÃO PEDRO.....	25
5. RIO GRANDE CENÁRIO DE GUERRAS	29
6. A REVOLUÇÃO FEDERALISTA DE 1893.....	33
7. ONDE NOS SITUAMOS?	37
8. SOMOS DIFERENTES?	39
9. A VALENTIA DO GAÚCHO.....	43
10. SÍMBOLOS RIO – GRANDENSES.....	47
11. RODA DE CHIMARRÃO.....	51
12. OS IMIGRANTES ESTÃO CHEGANDO	53
13. A CHAMA CRIOULA.....	59
14. O GAÚCHO, SEGUNDO GLAUCUS SARAIVA	63
15. A PRIMEIRA CAPITAL FARROUPILHA	65
16. O MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO	69
17. OS CENTROS DE TRADIÇÕES GAÚCHAS	73

18. FOLCLORE, REGIONALISMO, TRADICIONALISMO	75
19. A CARRETA E OS CARRETEIROS	81
20. O NEGRO	85
21. REVOLUÇÃO FARROUPILHA	89
22. O LIRISMO DOS FARROUPILHAS	97
23. A RIVALIDADE ENTRE SERRANOS E FRONTEIRISTAS	99
24. MARAGATOS.....	103
25. A IGREJA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO	105
26. AS FONTES D'AGUAS.....	111
27. ANITA DE GARIBALDI.....	117
28. AS CHARQUEADAS	121
29. OS SETE POVOS DAS MISSÕES: SÃO MIGUEL	123
30. O CAUDILHO E O MÉDICO.....	127
31. O GAÚCHO E O CAVALO.....	131
32. “O GAÚCHO MORREU, DESDE QUANDO”?	135
REFERÊNCIAS	139

LAMENTO DO PASTOREIO

Tudo veio de repente, nos campos do pastoreio. Veio a noite, veio o vento, veio a geada, veio o frio. E a tropa selecionada de bagual de puro sangue que o dono mais estimado se perdeu.

O escuro dava gemidos e o negrinho soluçava, sangrando o lombo aos relhados do patrão.

Veio a noite..

Quando a lua despertou nessa noite tenebrosa o Negrinho foi campear sua tropilha perdida.

... E o Negrinho se perdeu

- Madrinha Nossa Senhora

Proteja o seu afilhado contra a noite, contra o vento, contra geada...

... Mas o Negrinho morreu.

Veio a noite,

Veio o vento, veio o frio e a geada

... E o Negrinho se perdeu

- Madrinha Nossa Senhora

Proteja o seu afilhado contra a noite, contra o vento, contra geada...

... Mas o Negrinho morreu.

Veio a noite,

Veio o vento, veio o frio e a geada veio.

(Décio Frota Escobar)



DOIS DEDOS DE PROSA

Dedico este livro ao meu neto Luiz Henrique que, desde jovem, cultua as tradições do Rio Grande do Sul.



Passo Fundo, setembro de 2014.
Welci Nascimento



I. NO INÍCIO...

“No início, pouca gente havia, mas havia, nas terras gaúchas. No litoral norte, na planície, os índios carijós pescavam, coletavam, mariscos, comiam, depois amontoavam conchas e outros restos de comida em sambaquis.

Nos campos de cima da serra, os Ibiraiaras coletavam raízes, frutas e, no inverno, se fartavam com pinhões das araucárias.

Nas emaranhadas matas do rio Uruguai, os guananá caçavam com seus arcos e flechas.

Nas verdes campinas da campanha, onde as árvores eram escassas, os güenoas derrubavam em bolhadeiras de pedras os velozes veados e avestruzes... Nômades, não havia o que fizessem sentir pouso.

Nos domínios das melhores terras, as várzeas do rio Jacuí, margens do Ijuí e médio Uruguai, estavam os guaranis. Esses também coletavam dádivas da natureza, especialmente as folhas da erva mate que, desidratadas e trituradas, resultavam numa bebida tônica preventiva do campo. Esses indígenas eram, principalmente, agricultores. Cultivo do milho, da mandioca e do algodão, assegurava-lhes superioridade sobre os outros...” (Barbosa Lessa)

Esse era o retrato do Rio Grande, antes da chegada do “homem civilizado”, descrito na imaginação do historiador



e folclorista Barbosa Lessa. Muito tempo depois, o botânico francês August de Saint – Hilair percorreu o Rio Grande, em 1821 e assim descreve: “A fronteira meridional do Rio Grande do Sul, há muito tempo, goza apenas curtos intervalos de paz. Os soldados que combateram a Espanha são todos naturais da própria Capitania, dotados de um sentimento nacional, que só a guerra faz nascer...” O homem branco tinha chegado por aqui. De um lado os portugueses, do outro os espanhóis. Lutas ferrenhas foram travadas, para demarcar terras. Queriam fazer valer seus domínios. E as terras do sul do Brasil passam a ter várias denominações. São Pedro foi a primeira, Continente de São Pedro, Porto de São Pedro...

E os indígenas juntaram-se aos portugueses e aos negros que aqui chegaram, escravizados pelos europeus. Tentaram escravizar os indígenas, não conseguiram. O negro não consegue se ambientar no sul, em virtudes das grandes geadas gaúchas. As lides campeiras não eram muito bem desempenhadas por eles. Os negros preferiram os canaviais e as zonas mais quentes, onde melhor se adaptaram. Dai, porque os primeiros negros escravos do Rio Grande do Sul eram mais aproveitados nos lugares desérticos e, mais tarde, nas charqueadas no Sul do Estado. Logo vieram os filhos, fazendo-se ginetes e bons domadores.

O braço negro deu notável impulso aos primeiros criadores de gado e o sentimento da mulher negra foi colocado, inteiramente, em favor das famílias brancas, que se criavam no deserto descampado do pampa. O devotamento e abnegação da mulher negra da mãe preta possibilitaram a criação e a procriação do branco, amamentando-o quando criança recém-nascida. Nos arranchamentos, a preta velha era a alma



da estância, o espírito dedicado de amor e de carinho nas horas amargas.

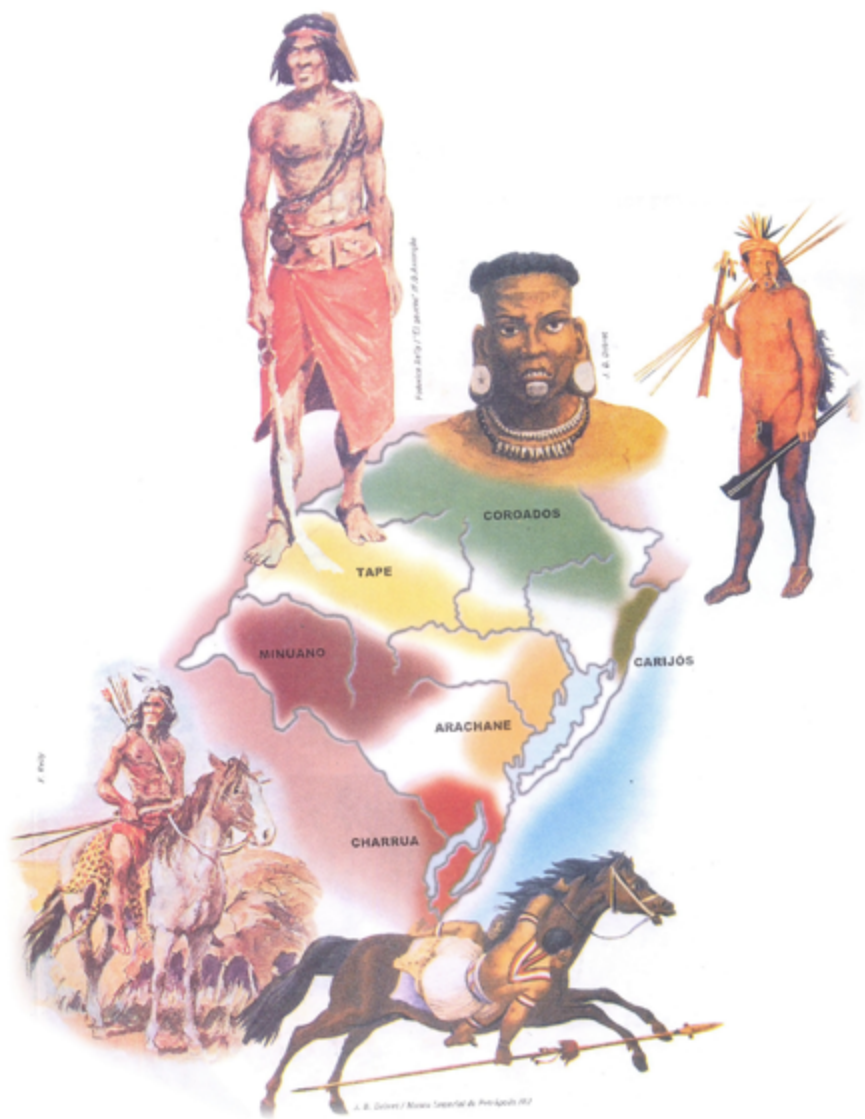
Depois começaram a chegar na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul muita gente: alemães, italianos, poloneses, sírios, judeus... que, aos poucos, transmitiram suas vivências e assimilaram as do Continente.

Dessa mescla ética, surge o gaúcho cheio de sentimentos nativistas, orgulhosos do fogo, da liberdade. Muito sangue derramado, muitas vidas tombadas, fundiram a alma do homem do Rio Grande, da mulher. A consciência de liberdade nutria a alma desse povo. Esses fatores, marcados por virtudes, vivências, costumes, aos poucos, com o passar dos anos, de pai para filho, de geração em geração, foram transmitidas, dando lugar à tradição.



Terras Guaranis - “Kaigang” Território de Passo Fundo-RS





Todos os cantos do Rio Grande do Sul eram habitadas por indígenas.
(J. B. Debret)



A trilha dos tropeiros do sul,
Segundo Barbosa Lessa.



2. ONDE COMEÇOU O RIO GRANDE?

O marco inicial do começo do Rio Grande do Sul, oficialmente, é o litoral Sul. É na cidade de Rio Grande. Lá, rodeada por pequenas casas de arquitetura portuguesa, em um dos cantos da Praça Sete de Setembro, há uma pedra pontiaguda com uma placa que marca o lugar onde Silva Paes, em nome da Bandeira Portuguesa, fundou o “Forte Jesus Maria José”, marcando o nascimento de Estado do Rio Grande do Sul.

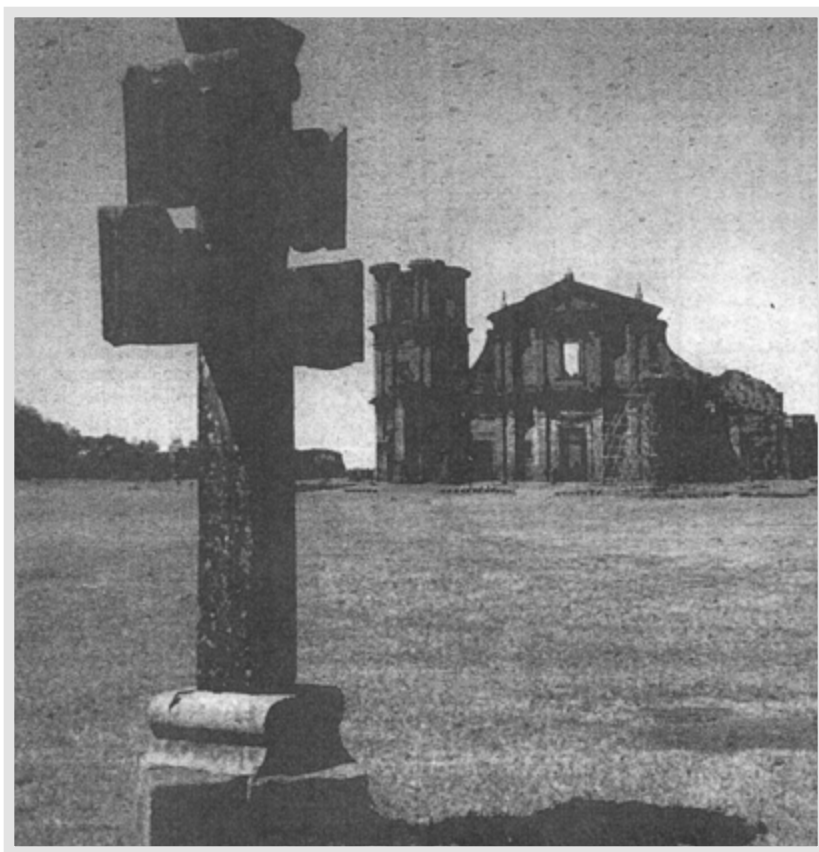
No entanto, o marco não oficial do Estado do Rio Grande do Sul fica em São Nicolau, há 750 quilômetros de Rio Grande. Lá, há mais de 100 anos, antes da existência do Forte Jesus Maria José, o Padre Roque Gonzales, a serviço da bandeira da Espanha, fundou, em 1626, a redução Jesuítica de São Miguel. Seria na região missioneira que nasceu o Rio Grande do Sul? Os historiadores estariam divididos?

Há poucos anos o historiador Mansueto Bernardi tentou fazer uma homenagem ao cacique missioneiro Sepé Tiaraju, morto em combate na defesa dos Sete Povos das Missões alegando ser Sepé Tiaraju o primeiro caudilho do Rio Grande do Sul.

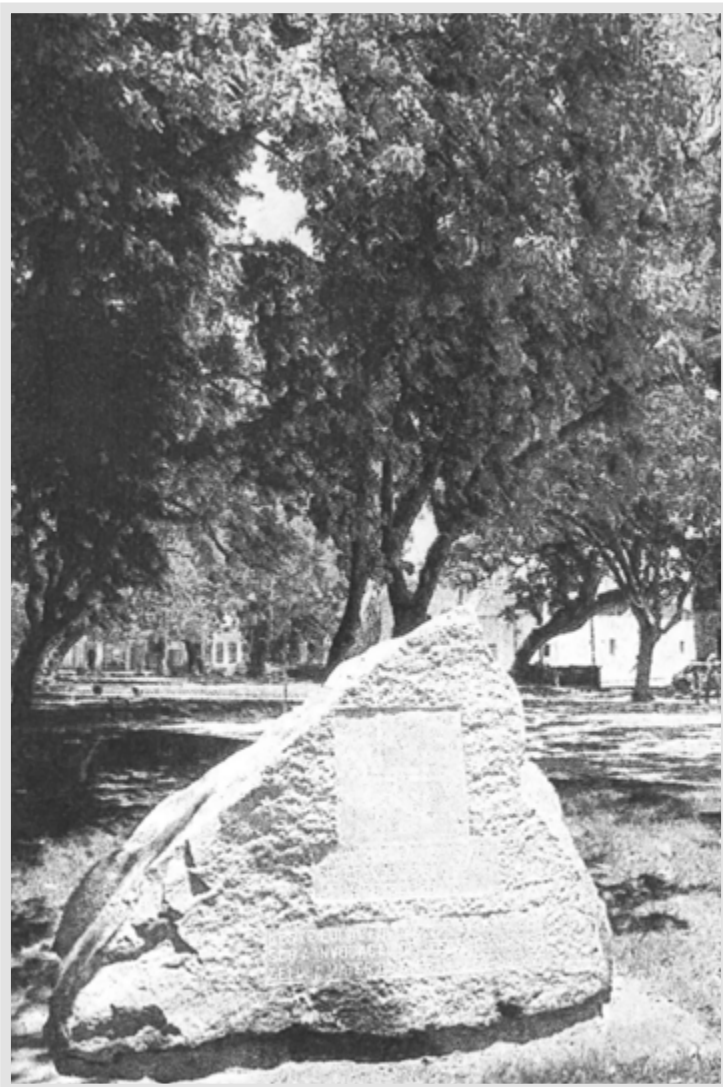
O Governo do Estado, da época, consultou o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul que negou a



honraria a Sepé, segundo o que noticiou a imprensa da capital, alegando que ele não pertencia à história oficial dos gaúchos. Eles esqueceram a história dos indígenas. No entanto, há interesse da sociedade no esclarecimento do assunto. As crianças e os adolescentes das escolas públicas e privadas aprenderam que o começo foi na cidade de Rio Grande. É a leitura oficial. Parece que a eterna briga entre Portugal e Espanha, continua.



Missões Jesuítas - São Miguel, onde teria nascido o Rio Grande



Marco onde consta o nascimento do Rio Grande do Sul, no Sul do Estado.



3. O GAÚCHO

Hoje em dia, chama-se gaúcho ou gaúcha, aquele ou aquela que nasceu no Rio Grande do Sul ou aquilo que diz respeito aos povos de parte meridional da América do Sul. No entanto, historicamente, gaúcho é o homem das estâncias pastoris. A palavra origina-se do espanhol “gauche” e deve ter surgido na metade do século XVIII, como a maneira única pela qual os europeus indicavam os naturais da região pampeana, à margem oriental do rio Uruguai. Nesse tempo, o Rio Grande do Sul e a República do Uruguai, ainda indefinidos, eram entregues às correrias de caçar gado solto. O homem da pampa era chamado de “gaudério”, na expressão de “gente vagabunda”, sem pouso. Dizia-se que ele se dedicava, também, ao roubo de gado das estâncias jesuíticas e o contrabando do couro. Talvez a mais antiga citação de gaúcho seja a do padre jesuíta Tadeu Xavier, em 1754 ao defini-la como “paulista que tem o costume de vender o que não é seu”.

No tecido social rio-grandense, sempre foram as estâncias verdadeiras células naturais naqueles tempos. Os donos da terra, os estancieiros, seus familiares, e seus peões tinham alguma coisa de patriarcal. A solidariedade se formava em torno de chefe, o estancieiro. Ele era o todo poderoso. Exercia o mando, e os poderes econômico e político. Quem não tinha terra e gado



deveria agarrar-se ao dono do latifúndio. Os filhos dos peões eram trabalhadores pobres que buscavam ocupações em lugares distantes, ligando-se a novos patrões.

Os estancieiros, senhores bem consideráveis, longe de se separarem dos filhos, mantinham este sob sua guarda, sob sua vista, dando-lhes terra para trabalharem, gado, assistindo-os com seus conselhos e benefícios, razão porque não frouxavam aos laços que os uniam. Os grandes negócios de charqueadas propiciavam os estancieiros acumularem riquezas permitindo-lhes viver em confortáveis residências e, até, viverem de ostentação, principalmente, na região sul do Estado.

No núcleo cultural gaúcho encontrava-se o galpão. De ponto de vista cultural, era uma construção humilde, modesta. Ali os trabalhadores da estância, os peões, guardavam seus arreios e os demais instrumentos de trabalho. Os galpões estavam separados, alguns metros da casa grande, onde vivia o estancieiro com sua família.

O galpão era uma espécie de clube masculino. Por isso é que, certa feita, em São Gabriel, na realização de um concurso de causa de galpão, a comissão organizadora impediu que a dona Heloisa Goelzer de Almeida, passo-fundense, adentrasse no galpão para contar um caso acontecido nas bandas do Butiá Grande, sua terra natal, onde se criou.

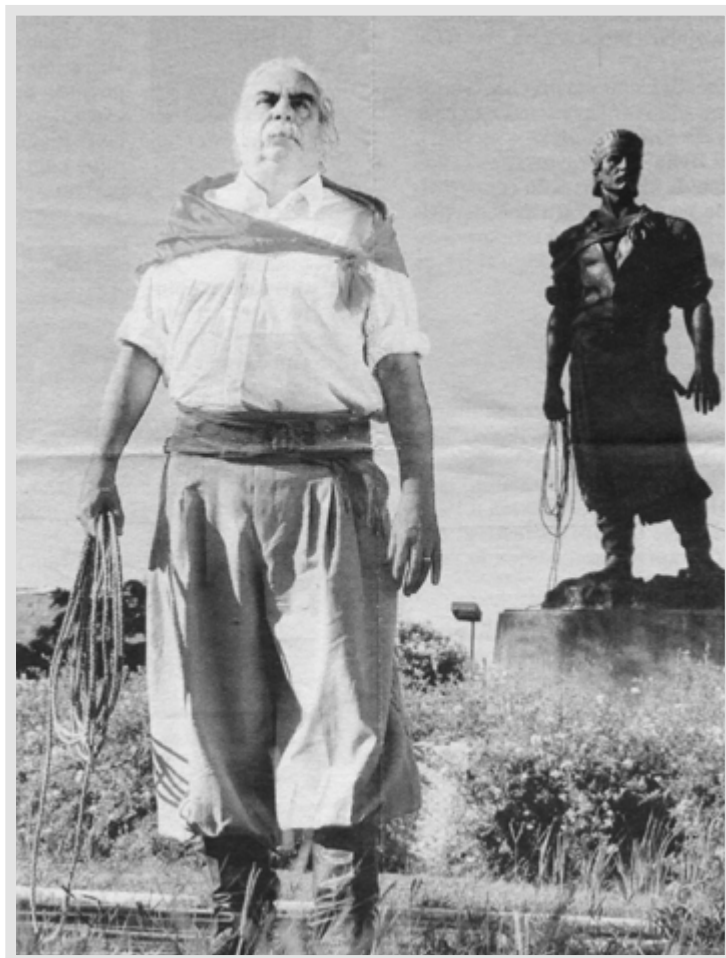
Barrada pelos “mocinhos” gaúchos, ela assim retrucou: - “Quando é para a mulher tirar leite, picar mandioca para alimentar o gado, a mulher entra em galpão”. Com esse grito de liberdade Heloisa despertou nas mulheres da região de Passo Fundo, a criação do movimento da mulher camponesa. Voltando ao assunto, no galpão tomava-se o chimarrão



em torno do fogo. Os homens contavam causos das guerras e o viajante forasteiro era bem recebido, sempre.

Naquele cenário, o elemento predominante era fogo de chão, a cuia e demais avios de chimarrão. Enquanto descansava, o gaúcho tinha sempre o mate correndo na volta, como expressão de lazer. “Um CTG sem fogo de chão, não é autêntico”, dizia Barbosa Lessa, palestrando aos jovens tradicionalistas, lá pela década de 80 do século passado, em Passo Fundo: - “Procurem saber como era o chimarrão antes que ele desapareça”. O rito de chimarrão produz dois resultados principais: o primeiro é o senso de responsabilidade sem hierarquia; o segundo é que a pessoa tem que desenvolver duas condições: a de aprender a escutar e a de aprender a esperar. Saber escutar aquele que está falando e esperar a vez que lhe volte às mãos a cuia do mate. Parece simples, mas educa. Saber escutar e saber esperar são segredos de uma boa roda de chimarrão, ao pé do fogo, nos galpões de um CTG.





O folclorista Paixão Cortez, serviu de modelo para a Estatua do Laçador, em Porto Alegre-RS



O Gaúcho
(Aquarela de José Lutzenberger)



4. O CONTINENTE DE SÃO PEDRO

No ano de 1530, D. João III, Rei de Portugal, resolveu armar uma esquadra destinada a explorar o litoral brasileiro, até então praticamente desconhecido, comandada por Martim Afonso de Souza. Essa esquadra deixou Lisboa e atingiu o cabo de Santo Agostinho em 1531. Daí rumou para o sul. À medida que se avista pontos marcantes do litoral, surgem as primeiras indicações toponímicas do país: Bahia (de Todos os Santos), Rio de Janeiro, São Vicente, etc.

O escrivão da armada é também piloto de uma das naus, Pero (Pedro) Lopes de Souza, irmão de Martim Afonso de Souza. Foi ele quem descobriu o único ponto de acesso do nosso litoral, o sangradouro da Lagoa dos Patos – confundindo-o com um rio caudaloso. Para homenagear o irmão, Martim Afonso de Souza, deu a esse ponto o nome de Rio de São Pedro.

Em 1550 um mapa assinala outra denominação: Rio Grande e, daí por diante, se alternariam as duas denominações até a solução que reuniu ambas: Rio Grande de São Pedro.

“Tal topônimo se irradiaria aos poucos, como gota de azeite sobre o papel escreve Moises Velinho”. E acabaria cobrindo todo o território desta parte do Brasil, pois ali se fixaria, em 1737, sob o comando do brigadeiro José da



Silva Pais o ponto de apoio inicial da árdua integração da nova conquista”, segundo a história oficial.

Continente de São Pedro é a denominação deste extremo sul do Brasil. Ao surgirmos como Capitania autônoma, já não mais dependente do Rio de Janeiro, em 1807, recebemos o nome oficial de Capitania Geral de São Pedro do Rio Grande do Sul, abreviada para Capitania de São Pedro. Com a Independência do Brasil, em 1822, instalou-se a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul.

Com a Proclamação da República em 1889, houve a separação entre a Igreja e o Estado e a filosofia positivista diligenciou para que se suprimisse, quando possível, o nome dos santos na denominação das novas unidades federadas.

Caindo a expressão “São Pedro”, ficou apenas Estado do Rio Grande do Sul; Pedro, como patrono deste Estado, além de padroeiro do Rio Grande do Sul, São Pedro é conhecido como o apóstolo-pescador, protetor dos pescadores, “dono das chaves do céu”, “controlador das chuvas e do clima” em geral. É o que diz o povo.



O Rio Grande do Sul em 4 partes

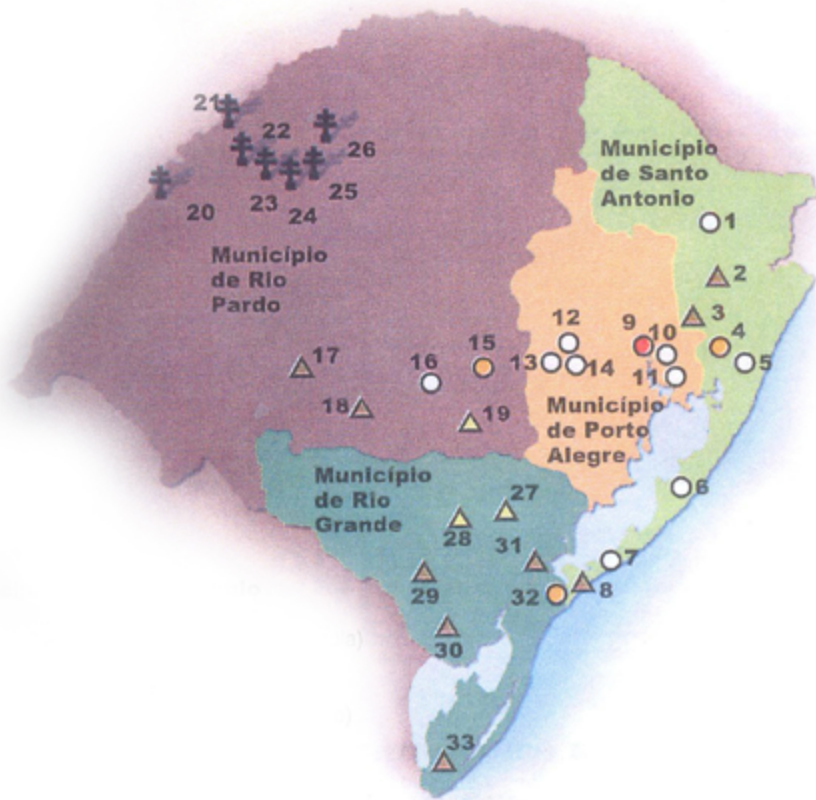


Ilustração: Historia Ilustrada do Rio Grande do Sul



5. RIO GRANDE CENÁRIO DE GUERRAS

A história registra que num período de mais de 150 anos o berço rio-grandense foi sempre abalado em ruidosos ambiente de agitações bélicas.

Sete anos após ter o Império firmado tratado de paz com a Argentina, rebentou, em 1835 a, Revolução Farroupilha movimento popular que depôs o Presidente da Província, que degenerou em revolução republicana.

Foram para o Rio Grande 10 anos de vida abrupta, de armas ao ombros, de espada à cinta, de lança em riste, de refregas duras e frequentes.

Por fim, exausto, cedeu à força, fez-se a paz em 1845, mas sem o abatimento do amor próprio dos vencidos, cujos brios não foram feridos por nenhuma medida humilhantes.

Seis anos depois, Rosas tiranizava a República Argentina e passava a cometer toda a sorte e atropelos contra os brasileiros. Houve uma ruidosa concentração de forças no Rio Grande e um corpo de exército de cerca de 16 mil homens sobre o comando de Caxias, contrapõe-se ao tirano argentino. Mais uma vez o povo rio-grandense foi chamado a defender as fronteiras do Brasil.

De 1852 a 1864 foram 12 anos de paz no Rio Grande.



Os farroupilhas, dissolvidas as forças, espalharam-se, por toda a província, tomando o rumo de seus lares.

Muitos soldados, que de seu, só tinham as armas que empunhavam e o cavalo que montavam, buscaram, como peões, serviços nas estâncias.

Nas horas de lazer, sentados ao pé do fogo nos galpões das estâncias, correndo o chimarrão, era comum os assuntos da guerra de 35.

Os moços, presos a palavra dos mais velhos, ouviam atentos as narrações das peripécias dessa luta heroica.

Na faina do pastoreio, eram comuns a marcação de gado, a tosa, as castrações de touros, em campo aberto. Nos dias desses serviços notava-se desusado movimento nas estâncias, um rebuliço em meios a vastidão dos campos.

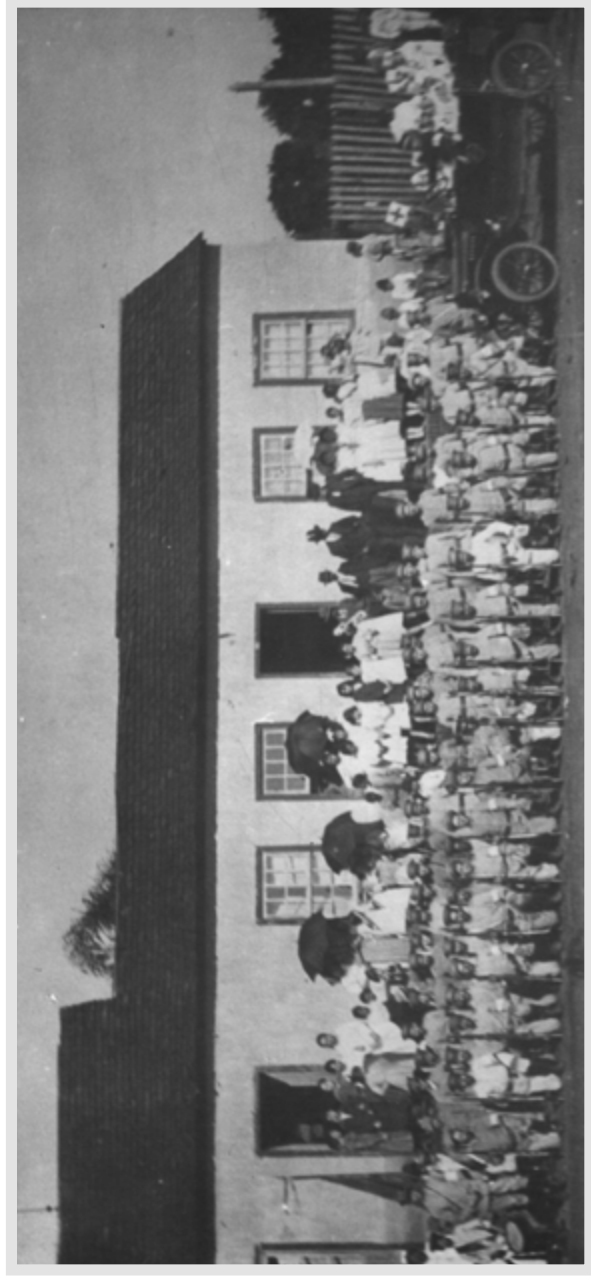
Mas, novamente, os clarins de guerra soaram por todos os recantos do Rio Grande. É a guerra contra o Paraguai.

Houve campos que ficaram ermos, lavouras abandonadas, lares taperas e os gaúchos marcharam, aos milhares ao encontro do inimigo. Foram cinco anos de duras provações para o Brasil, e para o Rio Grande.

De 1864 a 1870 a guerra empolgou toda a alma gaúcha.

Nos 23 anos de paz que sobreviveram à guerra com o Paraguai, a prática das virtudes cívicas foi cultuada. Os cidadãos que nos municípios galgavam em posição de chefes locais, eram, por seus serviços, estimados. Tal ambiente social em que nasceu e foi criado a gente rio-grandense, tanto na guerra como na paz, sempre norteou seu espírito de ideias liberais e resoluta energia nas ações. Este foi o caráter do povo que deparou a República, em 15 de novembro de 1889, no extremo sul do Brasil.





“Tiro de Guerra” de Palmeira das Missões. (1923)
(Foto do autor)





Maragatos de Bagé acampados
(ZH Cultura)



6. A REVOLUÇÃO FEDERALISTA DE 1893

Em 1893 o Rio Grande do Sul estava rasgado ao meio, motivado pela Revolução Federalista, a pior guerra civil que o Brasil conheceu. Em menos de três anos, ocorreram mais mortes do que nos dez anos de Revolução Farroupilha. Há um certo consenso dos historiadores de que entre 1893 a 1895 morreram de dez a doze mil pessoas, ou seja 1,33 da população do Estado. A revolução desencadeada em 5 de fevereiro de 1893 se prolongou até 23 de agosto de 1895.

A causa da revolta foi eminentemente política. Júlio de Castilhos, então presidente do Estado do Rio Grande do Sul, criou e implantou um modelo político concretizado na Constituição Estadual de 14 de julho de 1891 na qual reproduzia, em seus traços gerais, a filosofia positivista, exposta por Auguste Comte. Dois líderes liberais gaúchos se opuseram, radicalmente, ao sistema castilhista: - Gaspar Silveira Martins e Assis Brasil. Eles lutavam pela implantação no Brasil de uma República Federativa, de caráter presidencial, representativa e parlamentar. Para fazer valer essas ideias, foram à luta armada.

Na linha divisória com a República Oriental do Uruguai, o Gal. João Nunes da Silva Tavares lança uma pro-



clamação ao povo rio-grandense concitando-o à luta contra o Governo de Júlio de Castilhos. Ao mesmo tempo, o Cel. Gumercindo Saraiva, caudilho experimentando nas revoluções Uruguaias, entra no território gaúcho com um grupo de “maragatos”, para dar apoio aos liderados de Gaspar Silveira Martins.

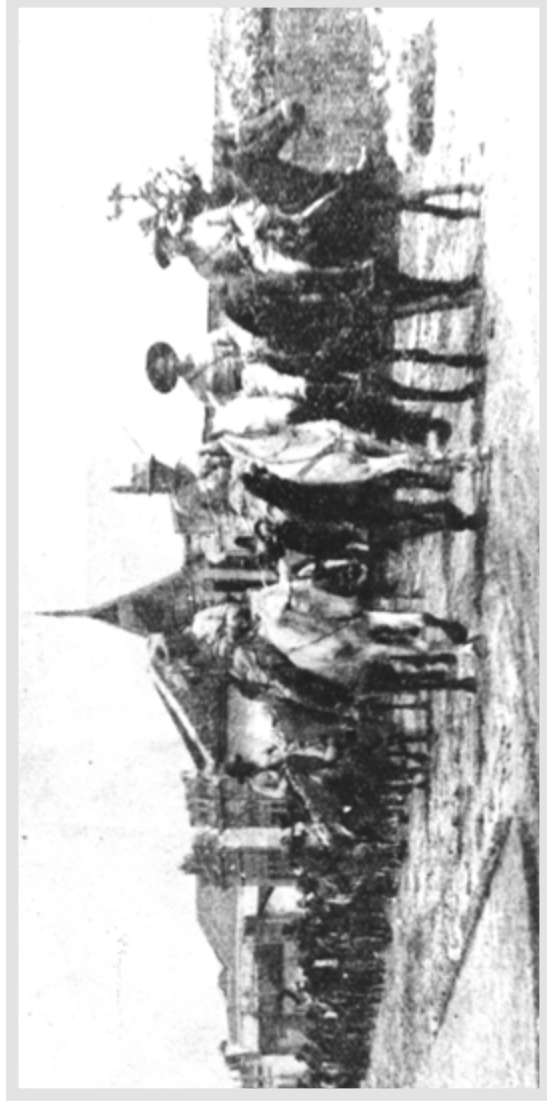
No centro do Estado surgem movimentos e, na fronteira, a cidade de Livramento é cercada pelos federalistas, sobre o comando do passo-fundense, Gal. Prestes Guimarães, Comandante da 1ª Divisão do chamado Exército Libertador. A Revolução se espalha por todo o Rio Grande e atinge os estados de Santa Catarina e Paraná.

A discórdia em Passo Fundo teve início na noite de 17 para 18 de junho de 1892. Era dada a ordem para se organizar a resistência contra o plano revolucionário dos maragatos, que discordava da política adotada por Júlio de Castilhos. Os ânimos se acirraram com o assassinato do Cel. Honorário do Exército Brasileiro, Francisco Marques Xavier (Cel. Chicuta), em plena rua do Comércio, atual Av. Brasil. A cidade se preparava para a luta sangrenta.

De um lado os liderados do Cel. Gervásio Lucas Annes, castilhista, do outro, os liderados de Prestes Guimarães, gasparista, maragato e rebelde.

As forças maragatas, não demorou muito, dominam a cidade, sem disparar um só tiro. Mas a ocupação porém foi efêmera, uma vez que os legalistas retornam a cidade, dominando os rebeldes, auxiliados pela força vinda de Cruz Alta. Os maragatos já excediam a mil homens em Passo Fundo porém, sem nenhuma instrução militar e quase desarmados.





Cel. Valzumiro Dutra comandante do “Corpo Provisório de Palmeira” (1923).
(Foto do Autor)



7. ONDE NOS SITUAMOS?

Nós gaúchos nos posicionamos, em relação ao Brasil, no ponto mais meridional, ou seja, no extremo sul, nos integrando com outros estados sulinos: Santa Catarina e Paraná, formando uma região agropecuária, basicamente, devido ao seu posicionamento da temperada zona sul.

O Rio Grande do Sul tem limites ao Estado de Santa Catarina, ao Norte, numa extensão de 950 quilômetros. Ao Sul nós fazemos limite com a República Oriental do Uruguai, por uma extensão de 1003 quilômetros. A Leste temos o imenso mar Atlântico, e de Oeste tem a República Argentina.

O nosso Estado tem um formato geográfico triangular, maciço, compacto, sem cortes ou desmembramentos por rios e lagos. A nossa área geografia corresponde a 3,32% de território nacional, com uma extensão de 282.184 km². Esta área está dividida em mais de 500 municípios e sua capital é Porto Alegre, localizada ao longo das margens do estuário do rio Guaíba.

No tempo em que o nosso território não tinha solução de intimidade no campo, as estâncias estavam em comum. O gado, no cenário aberto das enormes coxilhas, se estendia a perder de vista.

Depois que os campos foram demarcados e cercados, depois que os trabalhos da indústria da criação se desenvolveram em âmbitos enormes e o comércio se firmou, depois de tudo isso, o homem gaúcho se tornou sedentário.



8. SOMOS DIFERENTES?

O tempo vai passando. A pecuária vai recuando, ante a marcha vitoriosa da agricultura. As terras se retalham em lotes coloniais e, a cada ano que passa, essas terras ganham valores e aumenta o coeficiente demográfico. Nossos antepassados lembravam que, há muitos anos, os campos eram mais férteis, mais fortes no dizer popular. “O pasto era fino, oleoso”, dizia o meu sogro Cleto Gomes Lisboa, tropeiro, acostumado a invernar gado nos campos da Palmeira.

O Rio Grande mudou, sua população cresceu, suas terras foram sendo divididas e enfraquecidas em parte pelas constantes queimadas. As famílias foram migrando para o vizinho Estado de Santa Catarina e para o Estado do Paraná. Foram além, adentraram em Goiás, Mato Grosso, Acre, Rondônia... Há muitos anos os gaúchos vêm colonizando e ajudando a desenvolver vastas áreas de terra do Brasil. As primeiras migrações de gaúchos dirigiram-se para o Oeste de Santa Catarina, desde 1893, provocada pela Revolução Federalista que ensanguentava o Rio Grande. Após a segunda guerra mundial, os gaúchos se espalharam pelo Oeste de Santa Catarina e ocuparam o Leste do Paraná e mesmo o Norte, atraídos por terras.

No processo de povoamento do Oeste Catarinense o Dr. João Folador autor de um importante trabalho sobre a sa-



ída das famílias gaúcha de sua terra, diz: - “O Rio Grande do Sul perdia milhares de habitantes...” Segundo dados estatísticos, foram 90 mil pessoas na década de 40 do século XX; 130 mil na década de 50, acarretando consideráveis perdas, não só de elementos humanos, como em capitais em favor de outros estados da federação. As migrações se sucederam em décadas de 60/70. Comenta-se que muitas vilas, desapareceram e outros municípios gaúchos estacionaram, em proveito de Santa Catarina e Paraná. O Acre, por exemplo, nasceu da bravura de um gaúcho: José Plácido de Castro, onde trabalhava como agrimensor, demarcando terras e seringais...”

A economia do Rio Grande do Sul estruturou-se, principalmente, na policultura praticada na pequena propriedade, bem como a média, embora tivesse destacado estâncias e grandes fazendas em seus campos. Todavia, o modelo que os gaúchos transportaram nas regiões do Brasil por elas povoados, foi a da pequena propriedade rural. O modelo de um núcleo familiar era aquele que trabalhava com seu próprio capital e instrumentos, seja a terra ou a oficina e que, por isso, gozava de autonomia econômica e de liberdade de ação, no meio em que pretendia viver. Esse modelo originou-se daquelas famílias de imigrantes alemães e italianos. Em 1824 chegaram os imigrantes alemães em São Leopoldo e os italianos chegam na região de Caxias do Sul, mais tarde.

Erico Verissimo, na sua obra “O Tempo e o Vento”, descreve assim a chegada dos primeiros imigrantes alemães, no povoado de Santa Fé: - “Santa Fé foi sacudida por uma grande novidade: - a chegada de duas carroças conduzindo duas famílias de alemães... os recém chegados acamparam no centro da praça, em breve toda a gente saía de suas casas



e vinham bombear. Muitos dos santafezenses nunca tinham visto, em toda a sua vida, uma pessoa loura...”. Esses imigrantes, que dotaram o solo gaúcho, iam se tornando donos de suas casas, de seu rebanho, da terra, da oficina, de seus instrumentos de lavoura”. Os que enriqueciam criaram grandes indústrias e adquiriram grandes áreas de terra.

Como uma célula que gera outra célula igual a si mesma, o gaúcho deixava sua terra, o seu torrão natal, levando consigo a família. Essa, talvez, seja a razão porque os gaúchos conservam a tradição e o modo de vida, longe do Rio Grande do Sul.

Com o advento do movimento tradicionalista gaúcho, cada grupo de família do Rio Grande do Sul que se deslocava para outro estado da federação, procurava organizar e fundar um centro de tradições gaúchas.

O jornal Estado de São Paulo de 4 de novembro de 1981 sob o título “Gaúchos Transformaram o Sertão Mineiro”, acerta altura, diz: - “Há uma nova guerra no sertão mineiro: a disputa entre o “uai” e o “tchê” ou o choque entre duas culturas bem diferentes de europeus...”.

Talvez pelo nosso isolamento geográfico, venha essa diferença. Moramos no extremo Sul do Brasil. Talvez pelo contato constante com as repúblicas do Prata, pela natureza, pelo clima de alternâncias bruscas e principalmente pelas influências étnicas que favoreceram a personalidade do gaúcho. Nosso linguajar, por exemplo, nossos usos e costumes foram influenciados pelo português, pelo espanhol, pelo índio, pelo negro, pelos alemães, italianos... Entrelaçados num mesmo meio, fatores diversos, firmaram um conjunto colorido e complexo.



9. A VALENTIA DO GAÚCHO

O gaúcho é conhecido, não só pela disposição do trabalho, mas, também, pela sua valentia. Ele tem fama de valente. Essa valentia tem suas origens na vida do campo e pelas guerras porque passou. Por uma necessidade de guerra nasceu o Rio Grande do Sul. Havia a necessidade de combater os castelhanos do Prata e conservar os domínios de Portugal no estuário. Durante 200 anos os gaúchos conheceram apenas três situações: em pé de guerra, alerta e a guerra em si. Até 1750, os habitantes do Rio Grande do Sul conviveram com a guerra que portugueses e espanhóis travavam entre si pela posse da Colônia de Sacramento (Uruguai). O Tratado de Madrid assinado entre Portugal e Espanha, pelo que a Espanha ficaria de posse da Colônia, entregando em troca, os Sete Povos das Missões a Portugal, numa tentativa de eliminar os conflitos existentes nessa área. Em vez de trazer a paz, gerou a guerra.

A Guerra Guaranítica, na qual se distinguiu o cacique guarani Sepé Tiaraju, acabou por destruir os Sete Povos das Missões. O Tratado de Santo Ildefonso de 1777, que entregava à Espanha, tanto a Colônia do Sacramento como os Sete Povos das Missões, não agradou os gaúchos, que passaram as guerras pela posse da região dos Sete Povos, até que conquistaram, em 1801, traçando os limites do Estado do Rio Grande do Sul.



As guerras napoleônicas na América obrigavam portugueses e espanhóis a se defrontarem novamente e, em 1816, D. João VI interviu na Banda Oriental do Uruguai, deixando-a sobre domínio da Província Cisplatina. Na fronteira entre o Uruguai e o Rio Grande do Sul os ataques se sucediam com frequência. Lá estavam os gaúchos a guerrear.

Em 1835 estourou a Revolução Farroupilha. A luta, agora dos gaúchos era contra os irmãos leais ao Império Brasileiro. A guerra durou quase 10 anos.

De 1851 a 1852 os gaúchos vão à luta contra o ditador argentino Rosas e Oribe, no Uruguai.

Depois vem a Guerra do Paraguai de 1864 a 1870. O primeiro alvo dos paraguaios foi o Rio Grande do Sul. As tropas de Francisco Solano Lopes atacaram Uruguaiana e São Borja. Meus avós maternos, nessa época residiam em São Borja. Tiveram que atravessar o rio Uruguai e morar em Santo Tomé, na banda argentina. Lá nasceu a minha mãe Joana Nascimento.

Em 1893 eclodiu a revolução federalista, a chamada “revolução de 93”. As rivalidades internas entre facções discordante da política levada a efeito por Júlio de Castilhos levaram os gaúchos a se defrontarem entre si, de 1893 a 1895. Foi uma luta de carnificina de irmão contra irmão.

Pela última vez o povo rio-grandense empunhou armas quando da revolução de 1930 para levar Getúlio Vargas ao poder, como Presidente do Brasil.

Cessadas as lutas internas e externas a “valentia” do gaúcho virou tradição, cantada em prosa e versos como lembrança do espírito guerreiro dos ancestrais, o gaúcho tinha tudo para sê-lo: - homens livres e o cavalo, este o mais te-



mível vencedor de batalhas, antes da introdução da guerra motorizada, no início do século XX.

O poeta e pajador Jaime Caetano Brau em entrevista ao jornal Zero Hora, ao abordar o aspecto histórico do gaúcho, dizia: - “As vezes, magoado pelo desprezo com que sempre foi tratado o Rio Grande do Sul, somos brasileiros por teimosia. Foi por opção que escolhemos uma nacionalidade...” “O gaúcho, longe da corte, sempre foi um misto de pastor e soldado, pois acompanhava as tropas, principalmente do Prata, já que não existiam fronteiras fixas a não ser o rio Uruguai. O resto eram fronteiras movediças...” é por isso que temos uma afirmação comum com o povo uruguaio e argentino”. Concluiu.

Pois, então, das lides pastoris no pampa, nas estâncias, dos entreveros em combate, do rigor do vento minuano, do vento norte serrano, nasceu o gaúcho, com seus hábitos tradicionais, características que, hoje, os CTGs, verdadeiras miniaturas de uma estância, puderam cultivar, para que não se percam no tempo, as tradições. Os imigrantes alemães e italianos, assimilaram rapidamente o modo de vida e tradição dos gaúchos, difundindo-as nas regiões onde colonizaram. Tal ponto isso aconteceu, que eles levaram os costumes para onde fossem com seus familiares. Hoje a serra gaúcha colonizada pelos imigrantes italianos, as planícies do rio dos Sinos colonizadas pelos colonos alemães assimilaram a cultura do homem gaúcho da fronteira, das missões, do planalto. Santa Cruz do Sul tem sido sede de uma das maiores festas da música e da dança gaúcha da América Meridional. Pela natureza do trabalho pastoril executado, quase sempre no dorso de cavalo resultou, daí, que os naturais do



Rio Grande do Sul sempre escolheram a cavalaria para a sua arma de guerra predileta. Andar a cavalo constituiu a suprema ventura para os habitantes do Rio Grande do Sul.

Diz a nossa história, que o Conde de Figueiredo, então governador da Província, mereceu o acatamento dos gaúchos, porque sabia montar admiravelmente. Não ter um cavalo sempre foi o símbolo da maior miséria do solo rio-grandense. A quadrinha popular atesta a acertiva antiga:

O tatu foi encontrado
Prás bandas de São Sepé
Mui aflito e mui pobre
De freio na mão, a pé

O amor do gaúcho pelo cavalo era tão grande que ele tem a coragem de colocar ao par da mulher amada, como neste quadrinho do folclore.

Estou velho, tive bom gosto
Morro quando Deus quiser
Duas apenas levo comigo
Cavalo bom e mulher.



10. SÍMBOLOS RIO – GRANDENSES

A Bandeira, o Hino e as Armas são os símbolos do nosso Estado. Representam a alma do povo, oficialmente.

A bandeira compõe-se de três panos: verde, vermelho e amarelo. No centro da Bandeira um pano branco, onde estão as armas.

Conta-se que ela foi criada ao tempo da Revolução Farroupilha. Os farroupilhas pensavam em criar um símbolo próprio que substituísse a bandeira imperial. A bandeira do Rio Grande do Sul, tem sido atribuída por, muitos historiadores, a Bernardes Pires, outros, no entanto, a José Miranda de Mattos.

O Hino Rio Grandense nasceu após o celebre combate do Rio Pardo, em 10 de abril de 1938, quando foi aprisionado a Banda de Música Imperial, com seu maestro, o músico Joaquim José Medanha, que então é incumbido de compor a melodia para ser adotada como hino pelos farrapos. Posteriormente, o hino foi revisado por Antônio Tavares Corte Real com versos de Francisco Pinto da Fontoura.

As armas do Rio Grande do Sul tem sua origem em 1842 quando Mariano de Mattos foi preso, levando consigo para o Rio de Janeiro o Brasão que mandara confeccionar no Prata. O historiador Walter Spalding diz que “o Brasão, ostentava amores-perfeitos”. Posteriormente foram substi-



tuídos por rosetas de ouro que, por sua vez, deram lugar a estrelas de 5 pontas nas Armas do Estado, conforme lei 5213 de 5 de janeiro de 1966.

A Bandeira do Rio Grande do Sul, como a conhecemos hoje, conserva as cores da bandeira da Republica Rio Grandense com paralelograma ascendente, onde se assenta o Brasão e as Armas.

Convém lembrar que quando foi proclamada a república no Brasil, a constituição estadual de, 1891 estabelece que “são insígnias oficiais do Estado as do Pavilhão Tricolor da malograda Republica Rio-Grandense. No governo de Getúlio Vargas de 1937 a 1945 (Estado Novo), todos os bandeiras estaduais foram revogados. Após a redemocratização do Brasil, a Constituição Estaduais de 1947 determinou: “O Estado terá como insígnia oficial o Pavilhão Tricolor da República do Piratini (o nome exato seria República Rio-Grandense)...”.



Bandeira do Rio Grande do Sul

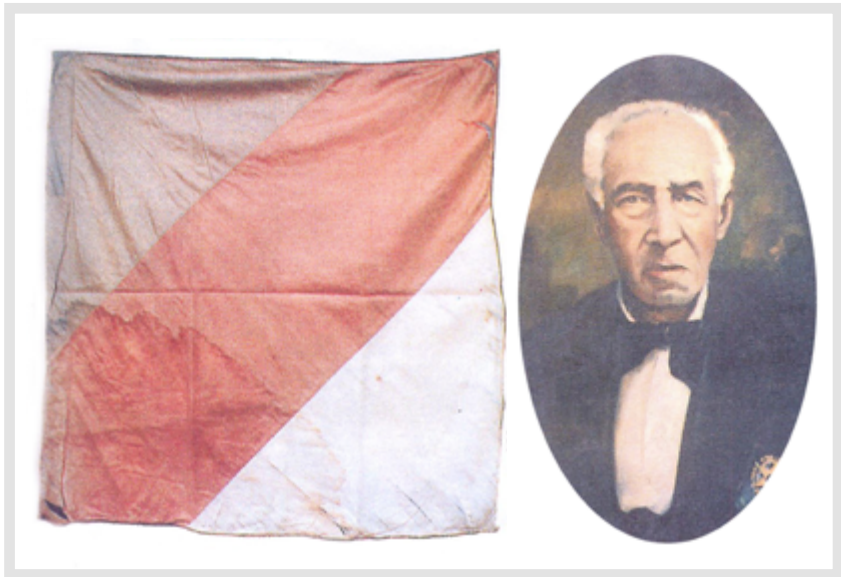
Símbolos da rebeldia



Lenço com o escudo da República Rio-Grandense, uma versão de 1970.

Fonte: Historia Ilustrada do Rio Grande do Sul





Um exemplar da bandeira do Rio Grande do Sul e o maestro Medanha, autor do Hino Rio-Grandense.

Fonte: Historia ilustrada do Rio Grande do Sul



II. RODA DE CHIMARRÃO

O rito do chimarrão, qualquer pessoa da minha idade pode explicar para a gurizada como é que é. Talvez ela não saiba mais distinguir entre a garrafa térmica a chaleira e aquilo que foi o rito do chimarrão durante anos. Barbosa Lessa por ocasião das suas falas por este Rio Grande do Sul a fora dizia, que “o rito do chimarrão proporciona o senso de solidariedade sem hierarquia”. Na roda de chimarrão, todos são iguais. Na roda de chimarrão temos que aprender a escutar e aprender a esperar. Escutar aquele que esta conversando e esperar a vez que nos volte a mão a cuia do mate”.

Parece mais uma coisa corriqueira, mas não é. É preciso, na vida, saber escutar e esperar. A roda de chimarrão ensina a nos identificar, em um grupo, participando na proza, nos envolvemos na cordialidade. Abrimos nosso coração aos demais, enfim. A roda de chimarrão ensina o jovem a saber esperar. Ele aceita passar por uma prova de saber esperar e saber escutar. Vai se identificando com o grupo, sem dor e sem violência. Ele vai assumindo o papel de adulto e os demais adultos vão recebendo-o em sua volta. Participando na roda de chimarrão, participando também da proza a pessoa desenvolve uma condição chamada de cordialidade. Este é um passo para a cidadania. Barbosa Lessa, assim dizia aos jovens tradicionalistas de Passo Fundo, nos anos 80: “O po-



tencial do movimento tradicionalista dos CTGs, é imenso, se passar a desenvolver, conscientemente, este culto à cordialidade, porque, embora não consciente, já é espetacular, já é comovente”. Os centros de tradições gaúchas devem ter sempre uma roda de chimarrão, um fogo de chão.



Jovens Professores, numa roda de chimarrão,
num final de tarde (1963).



12. OS IMIGRANTES ESTÃO CHEGANDO

Explorar o interior do Rio Grande do Sul em busca da terra prometida pelo governo imperial brasileiro para os imigrantes alemães que chegavam à província de São Pedro no século 19, foi uma aventura. Sem a ajuda de estradas boas, a colonização do território gaúcho seguia pelos leitos dos rios. Os alemães, primeiros a chegar, tomaram conta dos vales e das planícies. Para os italianos restou a tortuoso caminho da Serra. Por volta de 1875, o Porto dos Guimarães, tradicional embarcadouro do Rio Cai, servia de sala-de-estar para dezenas de famílias vindas de Porto Alegre. Rumo a uma região da qual sabiam apenas o nome (Campo dos Bugres), os italianos desciam dos lauchões com a bagagem e a esperança nas mãos. Começava a saga dos fundadores de Caxias do Sul.

Veranópolis foi aberta pelos imigrantes italianos na base do facão da enxada e do machado. A Colônia Alfredo Chaves só foi ocupada, depois de ser desmatada. Enquanto derrubam as grandes araucárias, os colonos descobriram o valor da madeira. Movidos por rodas d'água, as serrarias das Colônias de Alfredo Chaves surgiram a partir de 1890. O desenvolvimento do Vale dos Sinos iniciou-se com os alemães que chegaram na região em 24 de julho de 1824, data em que se comemora a fundação de São Leopoldo. O lo-



cal onde os imigrantes alemães se instalaram era conhecido apenas como Feitoria do Línho e Cânhamo, de propriedade do governo português e desativada. Os colonos chegaram e batizaram o lugar de Colônia Alemã de São Leopoldo em homenagem ao padroeiro da imperatriz Dona Leopoldina. A base de trabalho árduo, principalmente dos colonos alemães, na virada do século 20, o município de São Leopoldo representava um importante parceiro comercial de Porto Alegre.

Por outro lado, Novo Hamburgo, em 1900, já esboçava uma forte tendência para o desenvolvimento da indústria couro calçadista. A tradição de uma economia voltada para a cadeia de coureiro-calçadista começou logo que chegaram os primeiros imigrantes alemães. Até então, os peões gaúchos criavam o gado para o corte e o couro apodrecia no relento. Os colonos logo perceberam a necessidade de produzir os próprios calçados e os artigos de montaria para vender aos portugueses.

Os colonos alemães de Lageado e Estrela foram perseguidos pelos legalistas durante a revolução federalista de 1893. Adeptos das ideias de liberdade de culto pregado pelo tribuno maragato Gaspar Silveira Martins, evangélicos e luteranos ficaram ao lado dos maragatos, contra as forças comandadas pelo Presidente do Estado Júlio de Castilhos.

Durante anos, arranjar farinha para fazer pão ou polenta foi um sacrifício. Mesmo produzindo o milho e o trigo, os colonos eram obrigados a levar os grãos para serem moídos em Montenegro. Um lavrador vindo da região do Vêneto na Itália, foi o responsável pela façanha: construir o primeiro moinho de trigo na Colônia de Dona Isabel.



A terra do vinho talvez não fosse a mesma se a família Salton, quando chegando da Itália não tivesse consigo algumas videiras para plantar em sua colônia, no centro de Bento Gonçalves. E, por ai vai. Seria necessário escrever muitas páginas para descrever a trajetória dos colonos alemães e italianos que espalharam povoados e cidades por todo o Rio Grande do Sul.



Roda D'água que movimentava os moinhos italianos





Escola criada pelos imigrantes alemães





Imigrantes a espera do embarque - Roma





Início da videira na região italiana - Caxias do Sul
(Foto Geremia)



13. A CHAMA CRIOULA

Depois da guerra dos farrapos de 1835 a 1845, vieram outras, envolvendo os gaúchos. Veio a guerra do Paraguai, as guerras de fronteiras, as revoluções de 1893, de 24, de 30, 32, o incremento da legalidade em 1961. O Império Brasileiro, ele mesmo, denominou o Rio Grande do Sul de “Sentinela Brasileiro”.

Veio a paz, pelo menos nas armas.

Pois bem, lá pela década de 40 do século XX, mais precisamente no dia 07 de setembro, um grupo de estudantes do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, em Porto Alegre se reuniu para formar um movimento seria denominado mais tarde de Movimento Tradicionalista Gaúcho. O símbolo que promoveu o início do culto às tradições do Rio Grande do Sul, foi a chama crioula, uma centelha retirada do Fogo Simbólico da Pátria.

Ali estavam os moços tradicionalistas para implantar no Rio Grande um grandioso movimento: Paixão Cortês, Ciro Dutra Ferreira, Barbosa Lessa, Jorge Degrazia, entre outros, montados em cavalos, tordilhos, quem sabe, onde realizava o encerramento das comemorações da Semana da Pátria, com um caudeiro, colhendo uma centelha do fogo simbólico. Talvez tenha havido o espanto das autoridades civis e militares com o gesto dos jovens. Esses estudantes



se dirigiram ao colégio onde estudavam, seguidos por um piquete de outros cavalarianos.

Andar a cavalo pelas ruas de Porto Alegre, naquele tempo, não era uma atitude normal, certamente. Ainda mais, trajando roupas típicas do gaúcho. Mas para aqueles jovens, não importava o que iam dizer. Não importava o que os outros pensavam.

Estava lançada a chama crioula, que deveria andar durante uma semana, todos dias, de 14 a 20 de setembro em todos os centros de tradição gaúchas que viriam a ser criados, sucessivamente, a partir da ideia de grupo de jovens.

Os valores e as tradições do Rio Grande do Sul, com aquele gesto, estariam sendo revividas. A Bandeira do Rio Grande do Sul e o Hino passariam a ser reverenciados em todos os recantos do Rio Grande e por cada família gaúcha que um dia viesse a morar longe do pago, por qualquer circunstância.

Em Passo Fundo o CTG Lalau Miranda, recém criado no ano de 1952, abriria a Semana Farroupilha em 20 de setembro numa grande representação cívica cultural no centro da cidade.

Cria-se no Rio Grande do Sul a “Ronda Crioula”, preparando as comidas típicas, dançando, tomando chimarrão, lembrando as rotinas campeiras.

Na Escola Técnica Agrícola – ETA, de Viamão, eu realizava meus estudos no final da década de 40 do século passado. Lá criávamos os chamados “ranchos” uma espécie de galpão crioulo, onde nos reuníamos para uma roda de chimarrão, contar histórias, prostrar... nas horas de folga.





Os precursores do Movimento Tradicionalista Gaúcho



14. O GAÚCHO, SEGUNDO GLAUCUS SARAIVA

Em 1º de janeiro de 1977 o folclorista e historiador um dos fundadores do Movimento Tradicionalista Gaúcho, seu ideólogo Glaucus Saraiva, esteve em visita a Passo Fundo. Numa conversa informal, ele dizia: - “O changador foi a imagem perfeita do pré-gaúcho. O nome deste tipo social não tem lá sua origem perfeitamente definida, embora suas atividades tenham sido a primeira e principal causa da formação cultural.

O changador era o homem que, saciado a sede de couro e de sebo do mercado europeu, garroteava o gado abandonado pelos jesuítas nas campanhas do sul, desde as Vacarias dos Pinheirais, até as Vacarias do Mar. (Maldonado-Uruguaí). E ia dizendo: “despreocupado com o que poderia sobrar da rez abatida, o changador abandonava aos urubus tudo o que não fosse o couro e o sebo do animal”...

Nômade, solitário, cortava os campos da campanha e de cima da serra das missões ou da depressão central, dizimando o rebanho e encaminhando o produto do saque ao caminho do contrabando, que recebia polpudas libras inglesas.

O cavalo, dizia Glaucus, foi seu primeiro meio de locomoção, instrumento de trabalho e único amigo. Aprendeu na luta diária enfrentar os rigores das estações. Enfrentou



não só o tempo, como as constantes guerras e invasões o que o tornou guerreiro indomável.

Filho de espanhóis, de portugueses, de índios ou de mestiços, os changadores viram chegar a época das charqueadas, uma forma de aproveitar quase toda a carne da rez abatida.

Voltaram-se, então, para o pastoreio.

Formaram-se as estâncias e o gaudério nômade, ganhou querência. Surgiu o gaúcho, resultado sociológico da guerra e do pastoreio.

É tão singular que nenhum lugar da América Latina se encontra um elemento tão tipicamente marcado com “Pátria Gaúcha”. Esse gaúcho, tanto das guerras como do pastoreio é do Rio Grande, como da Argentina e do Uruguai, identificados pelas mesmas raízes sociais.

Eles cruzariam os Andes nos exércitos de São Martin, seriam lanceiros de David Canabarro ou rastreadores de Aparicio Saraiva”, concluiu Glaucus (Jornal O Nacional - Passo Fundo).



Teixeirinha, Ulisses Camargo e Meri Terezinha no CTG Osório Porto de Passo Fundo.



15. A PRIMEIRA CAPITAL FARROUPILHA

A Província Rio-grandense vivia momentos de tensão em 1835. O descontentamento generalizado com a política do governo central e a oposição entre conservadores e liberais, o estopim da Revolução Farroupilha, praticamente antecipavam o longo período de confrontos armados. Cerca de duas semanas de um grupo de rebeldes ter ocupado Porto Alegre, cem homens deflagravam o movimento na Vila de Piratini, comandados pelo capitão da milícia Antônio José de Oliveira e por Domingo de Souza Netto. As primeiras colunas dos farrapos marcharam pelas ruas estreitas da vila.

Por sua localização estratégica, no alto da Serra do Sudeste, e pela existência de dezenas de prédios próprios para a instalação dos comandos revolucionários, a vila tornou-se o centro de operações do movimento. Em dezembro de 1832, coronel Souza Netto passou a chefiar a Legião de Guardas Nacionais da Comarca de Piratini, formada por quatro companhias recrutadas em Piratini, Canguçu, Cerrito e Bagé. Com 28 anos comandou a coluna farroupilha que venceu, em 10 de setembro, em Seival, as tropas imperiais mais importantes do movimento e despertou o desejo de emancipação dos farrapos. Na noite do combate de Seival, ainda sob a euforia da vitória, lideranças foram até a barraca de Netto



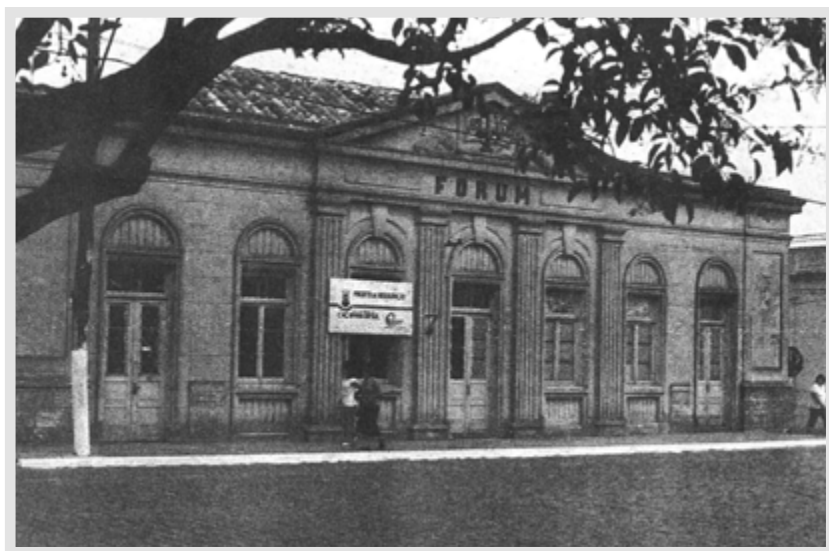
para convencê-lo a ocupar o posto de general-em-chefe do exército a proclamar a República. Ali mesmo, escreveram os rascunhos da proclamação. No dia seguinte, 11 de setembro, antes de sair o sol, as tropas já preparavam o futuro general nos campos dos Menezes, a margem esquerda do rio Jaguarião. Neto apareceu a galope. Postou-se ao centro da tropa, ergue a espada e anunciou a proclamação da República Rio-Grandense.

Dois meses depois, a Vila de Piratini tornou-se a capital e o general Bento Gonçalves da Silva foi eleito presidente da República, mesmo estando preso, há um ano, no Rio de Janeiro e em Salvador.

Piratini permaneceu como capital por mais dois anos. Por motivos estratégicos, a capital foi transferida para Caçapava do Sul e, mais tarde, para Alegrete. Enfraquecida, a cidade levaria novo golpe. Um ato do governo provincial fez com que Piratini retornasse à categoria de vila. Iniciava-se o declínio.

Piratini foi fundado em 7 de junho de 1832 e teve os nomes de Capão Grande de Piratini e Nossa Senhora da Conceição de Piratini. É uma das cidades históricas do Rio Grande do Sul.





Casarão de Caçapava do Sul sede do segundo governo da
Republica Rio-Grandense



16. O MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO

Qualquer coisa que lembrasse a querência fez com que aquela rapaziada do Colégio Júlio de Castilhos se reunissem para conversar, tomar chimarrão e matar a saudade do pago. Eram quase todos eles do interior do Estado do Rio Grande do Sul.

Corria o ano de 1947, recém tinha acabado a segunda guerra mundial, na qual o Brasil se envolveu ao lado dos aliados vencedores. Para nós nada sobrou dessa guerra, para os vencidos, sim. O Eixo tornou-se uma potência mundial, anos depois. O que aconteceu para nós foi uma tremenda invasão da cultura Norte Americana. Literatura, música, vestimentas etc eram descarregadas no Brasil.

Já, há muito tempo, o morador do Rio Grande do Sul, o gaúcho vinha perdendo sua identidade. Daí, porque, o movimento regionalista, através dos Clubes Gaúchos, dos escritores, dos poetas, as nossas origens passam a ser resgatadas. “Tradição é um desejo de claridade”, disse Augusto Mayer. Foi exatamente este desejo de claridade que fez surgir na década de 20 do século XX, um movimento no Rio Grande do Sul denominado de Regionalismo Literário, uma espécie de pré-movimento tradicionalista gaúcho, trazendo à tona a cultura gaúcha que estava prestes a desaparecer. “O gaúcho



estava morrendo, ou estaria morrendo”, no dizer do crítico literário Guilhermino César?

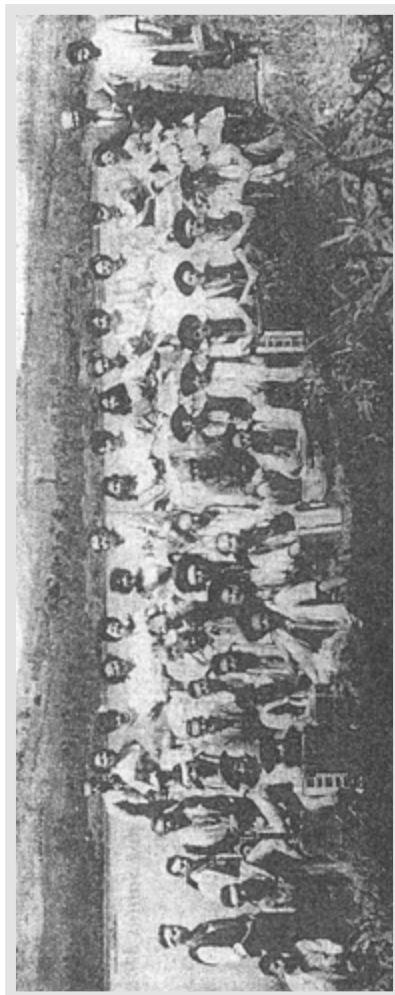
A verdade, porém, é que o gaúcho já não era o mesmo, no dizer do escritor Roque Callage, em 1919. – “O gaúcho tem outro tombo na andadura...” Estávamos chegando a um estado social onde os costumes estavam sendo apagados e que só ficava no coração do gaúcho a saudade pelo orgulho do passado.

Havia, nessa época, um imobilismo cultural que, no entanto foi sacudido pela punjante corrente literária composta de nomes como Darcy Azambuja, escritor que arrebatou o ambicionado prêmio, em 1925 na Academia Brasileira de Letras com o livro: “No Galpão, com Vargas Netto, autor do clássico “Tropilha Crioula”. João Pinto da Silva, escritor, alertava para “a necessidade dos rio-grandenses e dos latino americanos de manterem viva as nossas tradições” (Almanaque do Globo, 1918). Já em plena Guerra do Paraguai, em grupo de intelectuais gaúchos formou uma instituição cultural em Porto Alegre, chamado Partenon Literário que procurava reavivar a chama nativista gaúcho, surgindo agremiações, na Capital e no interior do Estados, com a denominação de Grêmio Gaúcho, com a finalidade de cultuar as tradições do povo rio-grandense. Era uma antevisão, elitizada, dos nossos CTGs.

Embora o esforço dos escritores regionalistas e dos grêmios gaúchos, poucos, a cultura gaúcha, mesmo assim estava esquecida e quase apagada na memória do povo. Era preciso criar uma instituição popular, de raiz. Era preciso reagir. Mas como? Consulta aos mais velhos não faltou. Finalmente, em 24 de abril de 1946 a rapaziada da Chama



Crioula fundaram o “35 CTG”, estruturado em bases idênticas àquelas empregadas nas estâncias gaúchas, com patrão, capatazes, posteiros, agregados e tudo o mais, como nos galpões que se espalhavam por todos os rincões do pago, sem distinção de classe e credo, religioso, político e racial.



O CTG Lalau Miranda de Passo Fundo, atravessando fronteiras. Margens do Rio Tibagi - Paraná (1962).



17. OS CENTROS DE TRADIÇÕES GAÚCHAS

Depois da fundação do “35 – CTG” de Porto Alegre, em agosto do mesmo ano era fundado o “CTG O Fogo de Chão”, em Taquara, região predominantemente germânica. Logo a ideia se espalhou e os centros de tradição gaúcha surgiram por todos os rincões rio-grandenses, sempre bem observando as características do “35 – CTG”. Eu me recordo muito quando Wilmar Wick de Souza, O Provisório, como era chamado por ser natural de Palmeira das Missões, terra do Corpo Provisório do caudilho Valzumiro Dutra, levou a ideia de fundar um centro de tradições gaúchas na sua terra natal. O CTG levou, também a denominação Centro de Tradições Gaúchas “35”. Era o ano de 1951. A ideia se espalhou por todo o norte do Rio Grande do Sul e outros CTGs foram surgindo. Em Passo Fundo um grupo de intelectuais discutiam a ideia trazida pelo prof. Antônio Donin, recém chegado de Rio Grande dando noticia do surgimento de uma entidade gaúcha de cunho popular. Dessa proza fui fundando um CTG que levou o nome de “Lalau Miranda”, homem campeiro, sorocabano, vindo morar em Passo Fundo no século XIX, filho de estanceiro e Intendente na época do Império. O CTG Lalau Miranda foi fundado em 24 de março de 1952. Foi o primeiro da região do Planalto Médio do Rio Grande do Sul.



Os CTGs aumentavam geometricamente por todo o Rio Grande e adentrava no Estado de Santa Catarina, onde residiam muitas famílias de gaúchos, logo chegaram no Estado do Paraná, Goiás. No Rio Grande se fundava um CTG a cada instante. Era preciso unir as forças dispersas. Convocou-se em Congresso chamado de Congresso Tradicionalista Gaúcho a ser realizado na cidade de Santa Maria, em 1954. Seguiram-se-lhe o de Rio Grande, com a regularidade de tempo. O Congresso se firmou numa periodicidade de um ano, no decursos de fêria de verão. Em 1976 foi a vez do CTG Lalau Miranda, pioneiro na região do Planalto Médio do Estado. Era necessário criar um Conselho Diretor. Foi no Congresso de Tramandaí, em 1966 que foi criado o Movimento Tradicionalista Gaúcho, normatizado em estatuto. O Congresso, realizado anualmente é um órgão normativo, que fixa a política e a Convenção Tradicionalista, como função legislativa, constituída do Conselho Diretor e dos Coordenadores Regionais. Assim era, quando eu militava no Movimento.

Os Centros de Tradições Gaúchas são as células vivas do tradicionalismo gaúcho. Eles devem cumprir a Carta de Princípios, por força dos congressos. Muitas pessoas que residem na cidade, conheceram as lides campeiras, suas danças, música, depois que ingressaram num CTG, como sócios. “Cada CTG deve ser uma escola, onde todos façam aprendizado tradicionalista e preencham as suas lacunas e deficiências sobre conhecimento do Rio Grande e do gaúcho, nos seus mais variados aspectos”, afirmou Glaucus Saraiva um dos criadores do movimento tradicionalista gaúcho.



18. FOLCLORE, REGIONALISMO, TRADICIONALISMO

É em 22 de agosto que comemoramos o dia do Folclore.

Folclore quer dizer um conjunto de tradições, de conhecimentos ou de crenças populares, expressos em provérbios, contos, canções, danças, de uma época.

O folclore do Rio Grande do Sul é muito rico. O homem do campo, por exemplo, tem um respeito muito especial diante da natureza. Ele crê e pratica benzeduras, vê alma de outro mundo, ouve mensagem das corujas, do pica-pau, do beija-flor. Uma sanga, um passo de arroio, um grotão, onde “aparece” o Homem de Preto, a Mulher de Branco, o Mula sem Cabeça, o Cachorro Orelhudo, uma tapera, os restos de algum cemitério em ruínas, um cerca de pedra onde “existe” um “enterro de dinheiro”, de libras ou onças de ouro maciço que uma figueira de estancieiro ou de tropeiro de mula, em tempos imprecisos, e por estranhas razões deixou ali.

As canções “Boi Barroso, Prenda Minha, Xote Inglês, sapateios, santos padroeiros, recolhidos pelo folclorista Paixão Cortês são folclóricas, do domínio popular. O Chote Laranjeira que por todas as gerações é conhecido, não tem dono. Quem compôs o Chote Laranjeira? Não sabemos.

O “Boi Tatá, para os campeiros não é nenhuma cobra literária de lenda escrita, é mesmo um belo touro preto que



aparece no topo da coxilha, de noite, com “aquele fogo na testa levantada”.

O Negrinho do Pastoreio tem o dom de devolver os objetos perdidos, com a retribuição de um naco de fumo crioulo, em resma, ou um toquinho de vela que se acende na boca do formigueiro.

Santa Bárbara é aquela santa bendita e complacente, de quem os gaúchos “só se lembram quando chove e cai raios acolherados”, ascendendo velas pelos cantos, ou repetindo a cada estouro: “Santa Bárbara”...

A Mãe-de-Ouro é uma enorme bola de fogo, “de ouro derretido, mora na furna dos cerros do Jarau, e se muda, em certa noite, dentro de um tremendo estrondo, do Jarau para os Três Cerros, do outro lado do Rio Uruguai, na Província da Argentina de Corrientes... É a dona do tesouro escondido”.

Se perseguido por pesadelos, ou pelo uivo da cachorrada, dentro da noite, o campeiro vira um chinelo de sola para cima ou enfia a faca desembainhada debaixo do travesseiro... e o pesadelo se vai, e a cachorrada se silencia”... O folclorista Pio de Almeida diz: ““É esse um estranho amor que tem o cheiro, o gosto, a forma, destino de liberdade, este “poder espichar braços e pernas neste Pampa velho de Deus me deu e eu faço o Sinal da Cruz quando abro a boca para dizer santas palavras”.

No dizer do folclorista Paixão Cortês, “folclore são expressões espontâneas das massas populares. Estas não devem se misturar com as produções industrializadas no mercado de consumo”.

Além dos contos sobrenaturais, temos as festas e folias como a Festa do Divino, as Festas Juninas, as musicas que



se transmitem com naturalidade pelo povo, de pessoa para pessoa, de geração em geração, não necessitando de meio de comunicação em massa para ser divulgada. Assim nos temos as músicas de ninar, as rodas, os jogos infantis...

O Rio Grande do Sul apresenta, além de belas melodias de cunho regionalista, músicas folclóricas de danças, de culto e também peças de cancioneros gaúchos, como Prenda Minha e Boi Barroso.

Entre os jogos temos o Jogo da Mora, entre os moradores gaúchos da colônia italiana, o Jogo do Osso, as carreiras de Cancha Reta, o Três-Sete. Temos, também a presença do instrumento musical contribuição dos indígenas, do negro, do luso-brasileiro, como tambor, a viola, a gaita, a cuíca...

Temos a religiosidade popular, rural ou urbana, como o Terço rezado, cantado. A Mesa-dos-Inocentes, a Velação, o Batismo Caseiro, o Pagamento de Promesas.

Enfim, no dizer dos folcloristas Paixão Cortês e Barbosa Lessa, “Folclore é a alma do povo”. Como a lenda do “Negrinho do Pastoreio”. A extinção da escravatura não criou novos espaços para os ex-escravos, Estes ficaram indefesos e deformados pela opressão escravista. Muitas lendas em torno da vida dos escravos foram contadas e escritas. Mais tarde, uma delas é a lenda do “Negrinho do Pastoreio, escrita por Simões Lopes Neto e que, mais tardem Barbosa Lessa compôs magníficos versos do referido negrinho, que tem o dom de devolver objetos perdidos.

Temos as benzedeadas, também, que enriquecem o nosso folclore. “Toda pessoa benzedeadas” tem o cuidado com a lua e o sol. Geralmente nunca se benze antes do sol nascer ou, depois dele se pôr. Não se carrega aço no corpo: faca, re-



volver ou coisa que valha, enquanto se pratica a benzedura, alegam algumas. A fé é um fator importante. Das benzeduras mais conhecidas, ocorre-nos aquela para qualquer tipo de machucadura, comumente chamada de “Costurar em cruz”. Enquanto com uma agulha e linha preta a benzedeira costura em cruz, vai “rezando” por três vezes: “carne quebrada, osso rendido e nervo machucado”. Repete-se por três dias a benzedura e a fé se encarrega de consolidar a cura. Minha mãe, Joana Nascimento costumava fazer essa benzedura, quando alguém estava “rendido”. E curava, mesmo. Ninguém ensina ninguém a benzer. Aprende-se.

Há, também as simpatias, como: esfregar um grão de sal em cima de um verruga e jogar para trás o grão, depois de ter esfregado. As benzedeadas e as pessoas que faziam simpatias eram muito procuradas pelo povo pobre que era completamente desprotegidos da assistência médica e hospitalar. Para curar as dores de garganta, amígdalas a benzedeadada dizia: “esta porta tem três tabuas”. Passa a mão no pescoço da pessoa benzedeadada e diz também: “As amígdalas não têm”. Havia também as farmácias, como por exemplo: para mordidas de inseto aplicava-se um pouco de cachaça com fumo. Para vermes: semente de abóbora. No chimarrão colocava-se erva cidreira para o estomago, folha de lima para acalmar os nervos. A folha de xuxu para baixar a pressão arterial. E assim por diante.

Não podemos confundir Folclore com regionalismo e tradicionalismo: A sabedoria popular diz: “Cada qual sabe o cavalo que tem”. É adágio. O que quer dizer, na linguagem do povo? Mais do que ninguém, sabe o próprios individuo de seus recursos e possibilidades em qualquer campo da vida. Folclore, portanto é, sabedoria do povo.





A lenda do Negrinho do Pastoreio, um menino escravo sacrificado pelo senhor.



19. A CARRETA E OS CARRETEIROS

“A carreta é um dos símbolos mais fortes da tradição gaúcha”. É o que diz Barbosa Lessa no seu livro “Mão Gaúcha”. Diz ele que, durante a Revolução Farroupilha, bois, carreteiros e carretas foram personagens importantes desde a epopeia até a tragédia. No primeiro caso, quando Garibaldi fugiu ao bloqueio no Canal do Rio Grande pela esquadra inimiga foi largar seus barcos, puxados por centenas de bois através das areias do litoral, em pleno oceano Atlântico, rumo à conquista de Porto de Laguna. Na tragédia, quando cercado por numerosos e exército imperial e já não podendo estacionar em parte alguma, os chefes se instalaram numa carreta simbólica, sede do governo e, ali despachavam os assuntos do Estado, na estoica demonstração de que, embora itinerante, a Republica sobrevivia.

Mesmo após o estabelecimento das ferrovias, continuou a carreta como principal veículo de carga das regiões ao sul do rio Jacuí, onde os trilhos não chegavam.

O desenho perdurou, tradicionalmente, com seu teto arredondado e, inclusive, suas dimensões básicas: mesa com 16 palmos de comprimento por seis de largura e dez de altura. Mas a estrutura se fortaleceu com a aplicação do ferro ou aço em peças chaves. Em média pesava 450 quilos e tinha



capacidade de carga de uma a meia toneladas. As carretas viajavam em comboios, a partir dos grandes centros comerciais, até as vendas das longínquas vilas e os “bolichos dos mais perdidos rincões.

Cada carreta era puchada, geralmente, por cinco juntas de bois, a que se davam os nomes de bois da ponta (os primeiros frente, a quarta da ponta, a quarta do meio e a quarta do coice e, por fim, junto ao cabeçalho, os bois do coice.

O poeta gaúcho, Vargas Neto disse que “Carreteiro é a paciência caminhante”.

Barbosa Lessa ao se referir sobre a carreta, o carreteiro e os bois, assim se expressou: - “Talvez nenhuma outra cena nos provoque tão profundo sentimento de nostalgia como o inesperado deparar com uma carreta numa volta de caminho, lentamente puchada pela mansidão dos bois, em violento contraste com uma época vertiginosa que de tanto correr, já da a impressão de ter perdido o próprio rumo”.

Pois é, no passado, para transportar couros, erva-mate e outros produtos da terra gaúcha, formavam-se extensas caravanas de carretas em demanda das praças dos longínquos comércio, dos portos de mar ou de outros pontos comerciais. De volta vinham o açúcar, o sal, a farinha de trigo, os tecidos e outras coisas indispensáveis a vida do campo. Dias, semanas, meses, até e extensas filas se arrastavam sob a poeira das estradas carreteiras.

Os carreteiros povoaram, enriqueceram e glorificaram o nosso Rio Grande do Sul.

Quem não disse estes versos? “Atirei um limão verde, por cima de uma carreta, quem não sabe cantar verso, não se meta de paleta:



Da vida do carreteiro apareceram estas: -“cansado como pé de carreteiro. Atrasado como cusco de carreteiro. “Curvado como tolda de carreta.

Amadeu Goelzer, o cavalariano do Butiá, um dos esteios do Centro de Tradições Gaúchas “Lalau Miranda de Passo Fundo, costumava nos relatar que seu pai Fernando Goelzer saia do Butiá Grande, em Passo Fundo comandando três carretas, cada uma com várias juntas de bois, em direção a Rio Pardo, levando erva-mate e trazendo de lá várias mercadorias para abastecer os bolichos do norte gaúcho.

“A carreta é a madrinha do progresso e um traste velho que desaparece”. (Edilberto Teixeira). É de sua autoria estes versos:

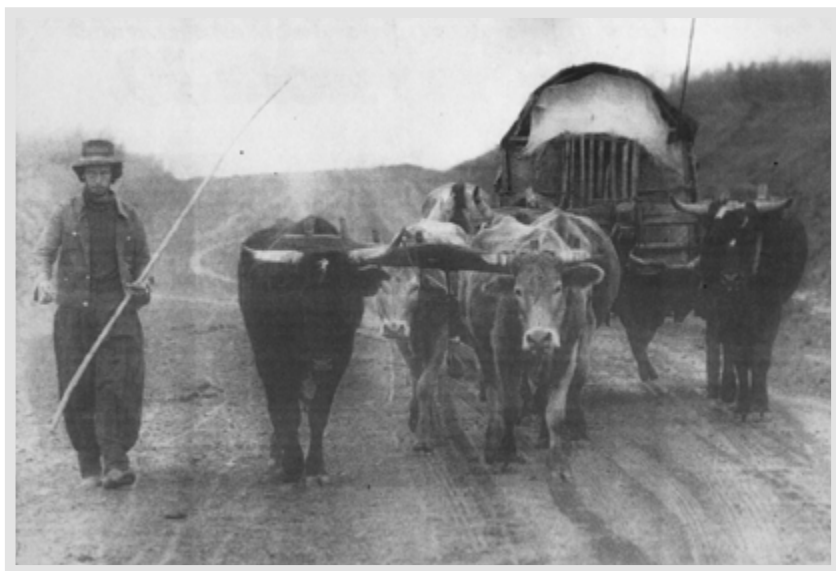
Legendária viatura
que já teve a estranha sorte
de funerário transporte
de Gumercindo e outro tantos:
Que sublimou os acalentos
da mãe do PIÁ CARRETEIRO
que nasceu, foi-lhe apontado,
lá pra aquelas bandas do Estado
quase a um final de janeiro.

São dele também estes versos:

A carreteira, desde tempos,
já foi, com exíguo tamanho,
Chicaca móvel de antanho,
Morada de carreteiro.



- Já foi um rancho viajero
tisonado de pelo e pó
e foi a linda carretinha
passeadeira que ia e vinha
puxada com uma junta só.



20. O NEGRO

Embora alguns queiram dizer que a escravidão negra no Rio Grande do Sul fosse branda, a vida dos negros no Estado foi tão cruel como o resto do País. Os negros sempre se rebelaram contra o estado escravocrata, demolindo com o mito da “escravidão branda”. Ela resiste até hoje. A escravidão no Rio Grande do Sul foi no campo e na cidade. A história contada nos livros de que a escravidão no Rio Grande do Sul foi branda caiu por terra. Ela foi romantizada principalmente por historiadores positivistas seguidores de Augusto Comte que tentaram demonstrar a integração do negro com a sociedade branca, dando como exemplo o uso menor de escravos e a missegrinação. Basta ver os jornais da época onde consta a venda e alugueis de negros.

Os primeiros negros escravos chegaram em Porto Alegre com Gerônimo de Ornellas, em 1740, Entre os principais donos de escravos, no Estado, destacam-se personalidades ilustres como Bento Gonçalves, Simões Lopes Netto, Visconde de São Leopoldo.

O Jornal Zero Hora registra numa edição especial o duro castigo na zona rural do Rio Grande do Sul. – “O escravo da zona rural, principalmente usado nas charqueadas, eram os mais maltratados, sujeitos aos métodos mais agressivos de coerção. O professor Mario Maestri, da Universi-



dade do Rio Grande do Sul, diz que a condição do negro urbano era um pouco melhor do que a do negro assenzalado. Os Códigos de Posturas proibia, também, casas de batuques e danças africanas, como uma forma de sufocar a cultura dos escravos.

Os estanceiros gaúchos aproveitaram o braço negro não só para trabalhar nas charqueadas, saladeiros, como também para a guerra. Os lanceiros negros organizados pelos agentes da Revolução Farroupilha que iam à frente das batalhas que se desenrolavam nos campos do Rio Grande do Sul, atestam que o negro era usado como “bucha de canhão” em troca da sua liberdade, se vencesse a guerra. Foi um dos pontos acordados por ocasião da assinatura da paz do Ponche Verde, depois dos Lanceiros Negros terem sido massacrados sob o comando do general David Canabarro.

Muitos foram os líderes negros que não aceitavam a condição escravocrata reinante no Rio Grande do Sul. Muitos escravos negros dobravam sua jornada de trabalho para guardar uns dinheiros para comprar a liberdade dos filhos ou filhas. O negro era objeto de compra e venda. Essas atividades eram exercidas fora da casa do senhor.

Embora todo avanço rumo a libertação dos nossos irmãos negros, ainda temos muito que avançar em favor da igualdade das pessoas no Rio Grande do Sul que se dizia e diz que no Estado Gaúcho houve um “escravidão branda”, o que não é verdade.





Negros escravos de uma família do Rio Grande do Sul,
segundo o naturalista Debret



21. REVOLUÇÃO FARROUPILHA

Quando o Rio Grande do Sul ficou independente do Brasil, em 1835, havia, aqui, em torno de 160 mil habitantes. Essa população caberia, com sobra, dentro de Passo Fundo. Quando Bento Gonçalves sacou a espada contra o Império, os gaúchos andavam no ritmo da carreta de boi. Era uma civilização rústica. A situação de quase barbárie é ilustrada pelo escritor Moacir Flores no livro “Revolução dos Farrapos”. Em 1894, véspera da insurreição, havia apenas um curso de Letras funcionando em Porto Alegre. Os ricos contratavam mestres estrangeiros para aulas particulares. A Província se convertera em “estalagem do Império”. Mesmo assim o povo era mobilizado para peitar os espanhóis na fronteira, numa sucessão de guerras. Exauria soldados e cavalaria, sem as devidas recompensas. Além do descaso, o governo imperial arrochava nos impostos contra as charqueadas da região de Pelotas. O alto custo do sal, mais taxas sobre a arroba de carne exportada inviabilizava a concorrência com saladeiros do Rio da Prata. Os charqueadores do Rio Grande do Sul anotavam o prejuízo. Ao mexer na guaiaca dos proprietários dos rebanhos de gado, como Bento Gonçalves, David Canabarro, entre outros, que abasteciam as charqueadas, o governo imperial provocou a guerra. Foram 10 anos de lutas cruentas, até a assinatura do acordo de paz.



Dos moradores do Rio Grande do Sul, a maioria era de origem portuguesa. Havia muitos negros escravos. Dizia-se que era quase 30%. Havia muitos indígenas. Perto de 10 ou 12%. Alemães, ingleses, franceses. O domínio econômico era dos estanceiros. Eles controlavam o povo da raça negra e os peões que viviam cuidando as invernadas, nos fundos das estâncias, para garantir a propriedade. A revolução se iniciou nos bastidores do parlamento gaúcho. O primeiro passo foi de natureza política contra o presidente da Província que representava o poder central. A estratégia era atacar e se opor a ingerência do Rio de Janeiro nos negócios do Rio Grande do Sul.

Bento Gonçalves da Silva saiu da tropa militar a que servia deixou sua fazenda e foi sentar-se numa cadeira de deputado na Assembleia Provincial. “E dentro da Assembleia ele conspirou”, disse o historiador Dante de Laytano.

Bento Gonçalves, segundo seu biógrafo, foi a figura central da revolução farroupilha. Rico proprietário de terra em Camaquã, filho de estanceiro no município de Triunfo, a Câmara Municipal de Jaguarão o elegeu a 20 de setembro de 1836 Presidente da República Rio-Grandense e a Câmara de Piratini procedeu da mesma maneira a 5 de novembro do mesmo ano, quando escolheu os quatro vice presidentes, dentre eles José Mariano de Mattos e José Gomes de Vasconcelo Jardim.

Estava separado o Rio Grande do Sul do resto do Brasil. Constituímos uma nova república na América do Sul chamada de República Rio-Grandense. Nas outras províncias haviam tendências separatistas reprimidas pela força do governo imperial. A República Rio-Grandense foi proclamada em 11 de setembro de 1836 pelo general farroupilha Antônio



de Souza Neto, Jaime Caetano Brau, poeta e pajador do Rio Grande do Sul, disse que a epopeia farroupilha marca o maior movimento armado da América do Sul, a na qual participou povo e soldados... “e concluiu: O Rio Grande é brasileiro por teimosia. Foi por opção que escolhemos uma nacionalidade. Por isso somos diferentes do contexto nacional.”

Os farroupilhas conseguiram reunir, segundo se sabe, 10 mil homens em armas. Foi o efetivo máximo. Os dados são precários e geram controvérsias entre os historiadores.

Os combatentes farrapos tinham o rosto bronzeado pelas intempéries, emoldurados por grandes barbas, ou fisionomias ainda imberbes de adolescentes. Tinham mestiços, índios, escravos de oficiais republicanos, de estanceiros ou fugidos das senzalas, castelhanos profissionais de montarias. “Pertenciam, o maior numero deles à categoria de voluntários, que se engajavam, sem soldo, sem gratificações”. (Lindolfo Collor). Segundo o historiador, “não era só com a falta de animais que lutavam o exército republicano gaúcho. Havia muitas fugas para o Estado Oriental do Uruguai, os chefes de família fugiam de casa e os meninos não iam a escola com medo do recrutamento. Chegou um tempo em que havia uma certa apatia e indiferentismo em grande parte dos rio-grandenses ao ponto de Antônio de Souza Neto baixar ordem em 1837, dando prazo aos oficiais para se apresentarem em 15 dias pela apatia de indiferentismo com se tem prestado grande número de patriotas,” registra o escritor Alci Cheuche. As coisas não andaram muito bem para o lado rebelde. Eles tinham que organizar o Estado e sustentar uma guerra. Do ponto de vista militar a revolução foi uma guerra de guerrilha. A mobilidade e surpresa eram armas essenciais.





Moeda de cobre cunhada pelos farrapos que circulou pela República Rio-Grandense



Baú Fazendário da República Rio-Grandense
(Museu J. Castilhos)





Urna com a primeira bandeira Rio-Grandense
(Museu J. Castilhos)





Urna de votação da República Rio-Grandense
(Museu J. Castilhos)



22. O LIRISMO DOS FARROUPILHAS

A Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, edição especial comemorativa ao centenário da Revolução Farroupilha publicou a conferencia do Dr. Fernando Osório, realizada em Porto Alegre, na Biblioteca Pública. Dizia ele a cerca da graça e do lirismo heroico dos farrapos: -“Em épocas iguais o Rio Grande do Sul e a Argentina apresentavam movimentos revolucionários. Diz a história que, aqui no Rio Grande, sempre predominou a piedade e o lirismo revolucionário e que os farrapos eram, no maior sentido da palavra, românticos, tangidos pelas faculdades criadoras do seu espírito.

Por exemplo o hino ao 20 de Setembro definia os deveres do homem livre, nestes versos:...Não basta ser livre ser forte, aguerrido e bravo: Povo que não tem virtude, acaba por ser escravo.

E o folclore recolheu esta quadrinha:

...Oh mimosas farroupilhas
cuidai bem dos vossos filhinhos
que a Pátria muito precisa
desses mimosos bracinhos.



O Jornal Oficial da República Rio-Grandense vinha encenado por esta epígrafe:

...Pela Pátria viver, morrer por ela;
Guerra fazer ao despotismo insano;
A virtude seguir, calar o vício,
Eis o dever de um homem livre.

Uma das manifestações da sociabilidade do Rio-grandense foi o gosto pelo teatro. No Teatro do Piratini, capital da República, o mais intelectual e delicado dos cantores da Revolução, Sebastião Xavier, recitou vibrante versos ao povo livre da América, em que bradava:

...Fazei, oh cidadãos, fazei justiça
do Rio Grande aos filhos valorosos
...Fraternidade, paz, independência,
Tolerância, concórdia e liberdade,
Sem o qual a virtude sobre a terra
É um fantasma...

Dizem que foi num baile que, em Porto Alegre apareceu a primeira bandeira dos farrapos, trazida a tiracolo, por um dos farroupilhas. Essa flamula, segundo se noticiou, já era tricolor, mas com um campo branco no centro.

Ainda no primeiro período da revolução, passou pelo acampamento de Netto, o tenente Osório, republicano de coração, improvisou esta estrofe:

...A espada do despotismo
Nos quer hoje a lei ditar,
Quem for livre, corra às armas
Se escravo não quer ficar.



23. A RIVALIDADE ENTRE SERRANOS E FRONTEIRISTAS

Em Janeiro de 1992 tive a alegria de receber uma carta do companheiro, saudoso, Cyro Dutra Ferreira, um dos criadores do “35 CTG” de Porto Alegre. Dizia ele na carta, extremamente interessante: - “Quem hoje tem oportunidade de presenciar o belo espirito da confraternização reinante entre os gaúchos de todas as regiões do Rio Grande do Sul, não faz a menor ideia da rivalidade que outrora existia entre os nascidos na fronteira e os de cima da serra.

Eu próprio, apesar de não ser da fronteira, mas apenas origem uruguaia, pelo lado materno, vivi uma experiência, em 1954, que dediquei aos amigos, sob o título: “Medindo forças com os serranos”...

Hoje é lindo se ver rio-grandenses de qualquer região reunirem-se com irmãos de outros pagos, em festas campeiras, congressos, convenções, concursos de danças, etc, dentro da maior cordialidade e entendimento.

Desde primórdios tempos, em que os serranos desciam do planalto e aventuravam-se até a fronteira, em busca de mulas para levarem para São Paulo, ou de gado de invernar, que reinava até poucos anos atrás, uma cirrada rivalidade entre amigos. Cada qual queria ser mais gaúcho mais campeiro ou mais autêntico, enfim.



Os serranos, herdeiros do caráter aventureiro dos bandeirantes paulistas e muitos, até paulistas de nascimento, mas aqui já radicados, foram os que tomaram a iniciativa dos contatos, inaugurando as viajadas para o lado sul-oeste, em busca de negócios, o que dificilmente acontecia com os fronteiristas que, ai contrário, não subia para o norte.

A aparência, para os outros, estranha, dos costumes serranos (chapéu de abas largas e as pontas viradas para cima, formando um bico, botas da gaita e cachos pendurados, cabrestos de dois ou três braços de comprimento, denominados “cabos”, pelegos pretos e de ovelhas crioulas, etc.) faziam com que os de lá presadamente não considerassem gaúchos autênticos. Os serranos por sua vez também não aceitavam os costumes dos outros, influenciados pela vizinhança castelhana.

Entre uma chacote e outra, de ambos os lados, mais acentuadamente dos lados fronteiristas, que taxavam os outros de “gringos” ou “baianos”, foi-se criando uma grande disputa em busca da maior autenticidade: tão forte era que não raro chegava às raias lamentáveis do desentendimento pessoal.

Contou-me o vacariano Benício Antônio José Marua Duarte, que já estava cego quando o conheci em passeio que fiz por estancias de Vacaria em 1948/49, que certa feita, em São Gabriel, onde muitas vezes estiveram como peão de tropa, fora vítima de uma dessas armadilhas, Na zona da campanha, quando chegava tropeiros para comprar gado, estes, a convite, afrouxavam seus cavalos, para se recuperarem das longas viagens e encilhavam os cavalos das estâncias que lhes eram religiosamente postos à disposição: um pouco por hospitalidade e mais pelo orgulho de apresentarem os cava-



los da marca crioula. O capataz colocava os cavalos mansos em forma e ia determinando: - “pegue o zaino”, “embuçale o picaço”...

Numa destas, tocou para o seu Benício um preto lindo e gordo, apesar de bem desgraçado para o serviço. Ao levá-lo até os arreios, o serrano já desconfiou de algo, pois o pingo, roncando, caminhava como uma pluma, nunca deixando o cabresto espichar-se: Quando montou, foi aquela trovoadas: corcoveou por tempo e distância incomum, até cansar, mudando por mais de uma vez o jeito de corcovear, sem, no entanto por tirar o vacareano, que era nada frouxo. Este, pela façanha, determinou conquistando o respeito e a simpatia dos visitados. Como acontece com todos os cavalos caborteiros, o preto tinha uma resistência barbara, pois seu Benício terminou encilhando só o caborteiro nos dois ou três dias que passaram apartando naquela estância; e, para melhor, sempre bem manso e cada vez pedindo mais rédeas.

O fato de terem mandado um visitante pegar um cavalo velhaco, sem qualquer aviso prévio, provou que, para os fronteiristas os outros eram motivo de chacota. No entanto, daquela feita, o serrano mostrou e comprovou muito bem o contrário.

Com o florescer no atual movimento tradicionalista, foram surgindo as oportunidades de contatos pessoais, em festas campeiras ou outras reuniões como já mencionamos, onde, felizmente, todos passaram a entender que tudo era somente uma questão de regionalismo; nada havia de pessoal, era apenas um ônus que se pagava ao fato conteste do nosso Rio Grande ser tão grande, ao ponto da aparência dos gaúchos, de uma zona para outra, mudar quase radicalmente”.



24. MARAGATOS

A expressão “maragato” era uma expressão desconhecida no Rio Grande do Sul e, porque não dizer, no Brasil. Maragato era o nome aplicado aos uruguaios, proveniente, na maior parte, da região de San José. Segundo explicações do escritor Octávio Sandino Junior, no livro “Um Episódio Maragato”, “os maragatos eram uma fração islâmica que invadiu a Espanha em grandes contingentes. Era um povo forte, temível e numeroso, espírito guerreiro, sempre propenso à luta e a aventura”. Diz o escritor que os maragatos imigraram para a América do Sul em 1650, cada vez em maior quantia, para San José do Uruguai.

Os imigrantes espanhóis que aí se localizaram em grande número, naturais da Província espanhola de Leon, eram chamado maragatos, em terras hispânicas.

Conservaram seus trajes típicos: chapelão de abas largas encimado por uma fita alta, de cor vermelha com dizeres e enfeites dourados, colete encarnado, bragas em forma de bombachas, cinturão largo, aspecto desprendido e arrogante.

Deles descende família de sobrenomes espalhados pelo sul do Brasil, como Garcia, Mendez, Ledesma, Gonzales...

Como explica Manoelito de Ornelas em seu livro Gaúchos e Beduinos “quando receberam o apelido, mal sabiam os legalistas que, nesse momento, batizavam historicamente



para a posteridade, homens que haveriam de honrar pela bravura, pelo idealismo e pela renúncia, a tradição de altivez e independência da gente do sul”.

Durante a Revolução Federalista de 1893, a mais sangrenta guerra civil ocorrida no sul do Brasil, Gumercindo Saraiva, líder no campo de batalha dos federalistas, trouxe entre seus rebeldes, aproximadamente 400 uruguaios que ostentavam vários dizeres nos seus chapéus, “Libertad o Muere”, “Todos por la Libertad” etc.

Os partidários de Presidente Júlio de Castilhos os apelidaram em conjunto, englobando todos os revoltosos sob a alcunha de maragatos. A imprensa de Porto Alegre chamavam de orda de assassinos, ladrões mercenários, maragatos. Todo os que lutavam contra o governo de Júlio de Castilhos eram taxados de maragatos, sinônimo de gente ruim. A princípio, pejorativo, logo após, orgulhosamente cada soldado, cada combatente passa a aplicar, para si mesmo a alcunha de “maragato” significando “coragem e amor à liberdade”.

Hoje, em qualquer canto do Rio Grande do Sul há um centro de tradições gaúchas pelo nome de CTG Maragato. O lenço vermelho identifica o “ser maragato”. Piquetes de Lançadores, grupos folclóricos, de dança, de canto do Rio Grande do Sul e fora dele, levam o nome “maragato”.

O lenço vermelho identifica um lado da política daquela época. O lenço branco identificava o outro lado, embora Aparício e Gumercindo Saraiva fizessem uso do lenço branco, representando, talvez a grei política do Uruguai: brancos e colorados.

Folcloricamente, dizer ser maragato é o mesmo que dizer ser gaúcho. Sobrou muito pouco para os chimangos, historicamente.



25. A IGREJA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Quase todos os municípios antigos do Rio Grande do Sul tem seu templo católico para honrar a Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo. Ela é chamada de Maria. O povo passou a chama-la de Nossa Senhora. Pois bem, muitas dessas igrejas católicas batizam seu templo com o nome de Nossa Senhora da Conceição.

Em Passo Fundo a Igreja Nossa Senhora da Conceição tem suas raízes na velha Capela Nossa Senhora da Conceição Aparecida, erguida que foi numa coxilha, no nascente povoado de Passo Fundo, nos anos 1823/24, numa área maior, doada pelo Capitão Manoel José das Neves, mais conhecido na região de Passo Fundo por “Cabo Neves. Ele é considerado o primeiro morador do povoado que se transformaria, mais tarde, na capital do Planalto Médio Rio-Grandense.

Ao lado da capela, erguida no alto da coxilha, foi instalado um cemitério. Como soi acontecer, os povoados, comumente, iniciam assim: uma capela, um cemitério, um armazém... e uma estrada geral. Nas imediações da Capela foi reservado uma área para ali ser construída uma praça de lazer. Mas ela não saiu da ideia, por muitos anos.

A capela foi erguida por solicitação do Juiz de Paz, Joaquim Fagundes dos Reis, à autoridade eclesiástica da capital



da Província, Porto Alegre. A capela servia, também, para a realização de reuniões de lideranças do povoado, como as que tratavam os rumos da emancipação política do 4º Distrito de Cruz Alta, Passo Fundo.

Em 28 de janeiro de 1857, dia em que o Presidente da Província Dr. Jerônimo Coelho assinou o ato de emancipação política de Passo Fundo, foi rezada uma Missa, em Ação de Graça.

Os anos iam passando, o povoado transformado em Vila, cidade e a velha Capela erguida em honra a Nossa Senhora da Conceição Aparecida se deteriorava, uma vez que fora construída com paredes feitas de barro. O século XIX chegava ao seu final e a Capela já não mais suportava a ação do tempo. O templo estava por ruir como de fato ruiu.

No ano de 1892, véspera da Revolução Federalista que ensanguentou todo o Rio Grande do Sul e que Passo Fundo foi palco de muitas batalhas, foi organizado um livro com o nome de “Livro pró-construção da nova Igreja Matriz”.

O templo seria erguido em outro lugar, num terreno cedido pelo cidadão Ramon Rico, nas imediações da antiga morada de Manoel José das Neves. Em 1893 foi lançada a “pedra fundamental do novo templo. Era vigário, nessa época, o Pe. José Ferreira Guedes, por sinal, muito estimado pela população da Vila e do Interior de Passo Fundo.

Porque o novo templo não foi construído no mesmo local, nas imediações da Av. General Netto? Porque, segundo consta nos anais da história de Passo Fundo, a Vila se desenvolvia mais para o lado do Boqueirão, lado poente. A Igreja ficaria situada no centro da Vila. Em frente ao terreno, onde



seria construída a Igreja, já havia uma área de terra destinada à construção de uma praça (Tamandaré).

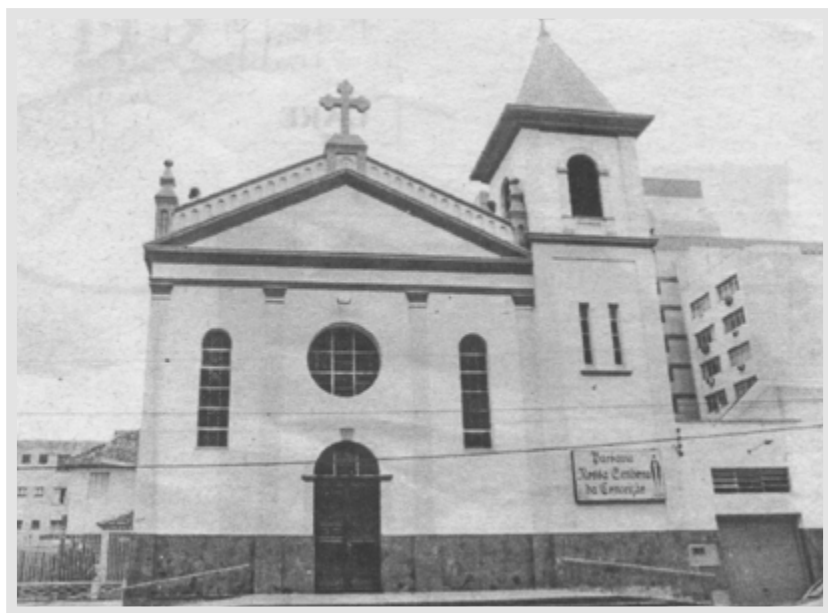
As obras da Igreja foram suspensas, em razão da Revolução Federalista. Terminada, esta, em 1896, foi dada continuidade aos trabalhos de construção do templo. Os negros, recém libertados, que residiam na Vila, ajudaram na construção, erguendo pesadas pedras para formarem as bases do alicerce da Igreja, majestosa para a época.

No início do século 20 a Igreja Nossa Senhora da Conceição Aparecida foi concluída, sendo, mais tarde denominada de Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, em razão da criação da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, hoje Catedral Metropolitana.

Assim, a história da mais antiga Igreja Católica do norte do Rio Grande do Sul, localizada em Passo Fundo, se fundiu com a própria história local e com a trajetória da Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida.

Convém lembrar, porque o povo parece já ter esquecido, que Nossa Senhora da Conceição é a padroeira do município de Passo Fundo, por declaração oficial das autoridades civil e religiosa, desde o dia 7 de agosto de 1857, data da instalação do município.





Igreja N. S. da Conceição de Passo Fundo - RS





Igreja N. S. da Conceição de Viamão - RS



26. AS FONTES D'AGUAS

Sabe-se que a água encanada é a coisa recente. Eu, quando era menino, costumava busca água para beber e para efetuar as limpezas da casa numa fonte d'água. Havia muitos “olhos d'aguas na cidade. Quem podia, mandava fazer poço no fundo do quintal, cuja profundidade variava de lugar para lugar.

Aqui em Passo Fundo, há vestígios de fontes d'água que abasteciam a população. Uma delas é a conhecida fonte da Mãe Preta, na esquina das ruas 10 de Abril com a rua Uruguai. Ali, segundo a tradição, as mulheres negras, escravas, abasteciam as casas dos seus “senhores”. A água, ali, jorra até hoje. Mais adiante, existe a fonte da rua dos Andradas. Os moradores do bairro Operária se abasteciam daquela fonte. Por ocasião da primeira administração do senhor Wolmar Salton: 1956-1960, o mesmo mandou construir vários tanques para lavar roupa, em substituição ao lavadouro da rua 10 de Abril. Na rua General Canabarro há um bebedouro, que se dizia ser para os cavalos beberem água. Ele fica nas cercanias da gere da viação férrea e da rede hoteleira ali existente, tendo em vista a movimentação da estação ferroviária.

Certa feita, o Imperador Dom Pedro veio pessoalmente ao Rio Grande do Sul. Na noite de 5 de novembro de 1826, pernitoiu em Santo Antônio da Patrulha. Como agradeci-



mento à hospitalidade, atendeu a um antigo sonho do povo: mandou construir uma fonte de água para sanar o problema, que era crônico, no quarto município do Estado. Diz-se que durante 150 anos, a obra foi o principal ponto de captação d'água da cidade.

Lá, como cá, os escravos usavam jarros de cerâmica para buscar a água do banho dos seus senhores. As crianças eram incumbidas pelas mães de abastecer a casa. Não demorou muito que surgissem lendas em torno da bica. Foi o aconteceu na fonte da Mãe Preta em Passo Fundo.

Diz a lenda que a Mãe Preta era uma escrava de Manoel José das Neves, mais conhecido como “Cabo Neves”, senhor das glebas em Passo Fundo. Conhecida por Mariana, tinha um filho único que era sua alegria. Certa vez o jovem fugiu de casa e não mais voltou, causando a morte de sua mãe.

Das lágrimas da Mãe Preta teria brotado a fonte, que passou a chamar-se “Fonte da Mãe Preta”. Antes de morrer, a mãe foi visitada por um menino, o qual lhe disse que não chorasse porque seu filho se encontrava na mansão celeste.

“Em recompensa da tua dor, pede o que quiseres, que eu te dou”.

Mãe Preta então pediu:

–“Dai-me a felicidade de ir para junto do meu filho, mas como recompensa quero deixar esta fonte para quando aquele que dela beber retorne sempre a esta terra”.

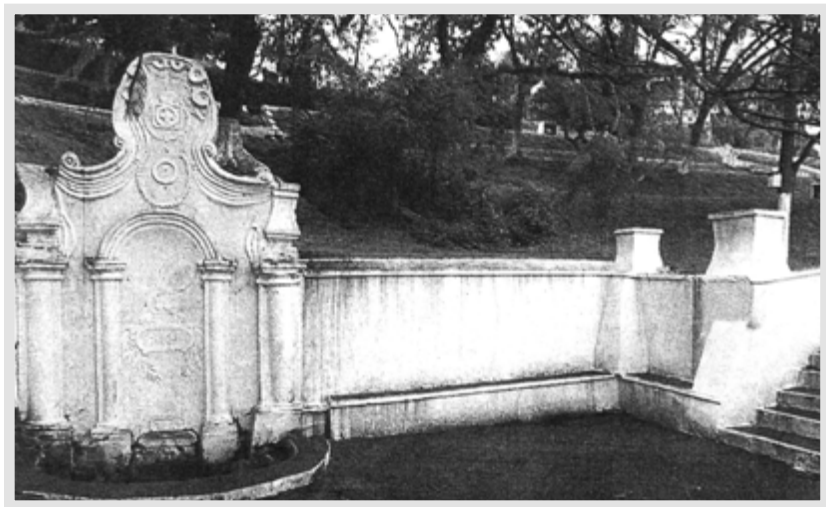
Está é a lenda da Mãe Preta que se perpetua desde o século XIX. A Praça da Mãe Preta, hoje, é uma área legalizada e urbanizada para a preservação da fonte histórica do arroio Lava Pés, hoje servindo de condutor de águas poluídas en-



canadas. A urbanização da Praça foi durante a administração do Dr. Firminio da Silva Duro, em 1982.

Não foi o que aconteceu com a comitiva do Imperador D. Pedro I. Seus súditos provaram a água do chafariz durante o jantar, partiram na manhã seguinte e nunca mais voltaram. Mesmo assim, o brasão das armas ficou registrado na fonte que mandou construir, atendendo um apelo da população.

Por este Rio Grande à fora, deve haver muitas fontes d'água com suas lendas, como a Fonte Missioneira de São Pedro, primeira casinha de São Borja. Essa fonte servia para fornecer água limpa, de qualidade, para o povo missioneiro que ali vivia. Se diz que a Fonte Missioneira de São Pedro era guardada por um grupo de índios comandados por um cacique de alto grau dentro da redução; A fonte de São Miguel das Missões se localizava fora do sítio arqueológico da Igreja de São Miguel Arcanjo, assim como a de São Borja.



Fonte d'água, o presente especial do Imperador D. Pedro I





Fonte dos Andradas em Passo Fundo - RS





Durante muitos anos as fontes d'água garantiram o abastecimento.
Fonte da Mãe Preta em Passo Fundo - RS



27. ANITA DE GARIBALDI

Por ter participado de lutas literárias na Europa, Garibaldi, depois de percorrer mares e continentes, foi condenado à morte. Ao invés de morrer no velho continente, veio ao Brasil para oferecer seus serviços à República Rio-Grandense. Transformou-se num rebelde contra o Império Brasileiro. Bateu-se como cavaleiro andante à frente dos rebeldes que combatiam pela liberdade e independência da terra rio-grandense. Garibaldi atingiu a cidade de Laguna em Santa Catarina e, ali, ajudou a proclamar a República de Santa Catarina.

Nas ideias que se seguiram a este evento, em agosto de 1839, Garibaldi então com 32 anos, viu-se aproximar de uma jovem morena de 18 anos. Os biógrafos de Garibaldi mostram que desse encontro, nasce uma paixão fulminante que uniu o caudilho italiano à bela moça brasileira. Pouco tempo depois eles embarcam no navio Rio Pardo, que se encontrava presente o levante para combater contra a frota imperial. Anita revela depois, suas tradicionais aptidões guerreiras. Não receia nenhum pouco, o furor da batalha e o violento fogado adversário, contam os historiadores.

Assumindo com a coragem da mulher, Garibaldi, quase derrotado pelas forças imperiais, encarregou a jovem com-



panheira de conduzir o bote para transportar homens e armas a fim de coloca-los a salvo.

Relembra Garibaldi, nas suas memórias, que Anita fez, talvez, vinte viagens da costa ao navio, passando continuamente sob fogo inimigo, que se cruzavam o mais que podiam, para evitar os calabouços. Anita, porém de pé, na hora, em meio ao tiroteio, parecia calma e altaneira. No ultimo desembarque ficou isolada dos seus cerceados por um grupo de soldados inimigos que a intimidaram a render-se. Como resposta, Anita, superando os primeiros obstáculos, e esperando a cena a cavalo, fugiu, rompendo com um salto hostil imortalizada no monumento de Mário Rutelli, que Roma lhe dedicou.

Quando o cavalo, ferido, mortalmente, tombou no chão, Anita foi aprisionada. Trancada numa casa de campo, mas sem dar-se por vencida, conseguiu iludir a vigilância das sentinelas e foi em busca de Garibaldi, lançando-se no dorso de um potro.

Depois de grandes peripécias, Anita reuniu-se, finalmente ao caudilho, chegando com ele e seus guerreiros sobreviventes a tempo de dar a luz, depois de tantas fadigas, Menotti, primeiro filho do casal.

Conta à tradição que o casal e seu filho Menotti passaram por Passo Fundo, vindo da região de Rio das Antas. No centro da Praça Almirante Tamandaré, em Passo Fundo há um marco de pedra onde ali foi colocada uma placa contando da passagem deles, por aqui.

Obtida alguma recompensa material, pela celebração prestada à causa farroupilha, puderam alcançar a capital do Uruguai, onde Anita, uniu-se em matrimônio com seu José.



A mulher brasileira que morreu em solo italiano, não foi somente heroína no amor. Ela dedicou-se integralmente a causa do Rio Grande do Sul e sua gente e assimilou as ideias garibaldianas. (Trechos retirados do livro – “O amor de Anita e Giuseppe”, de Francisco Jurlano, editora Livros e Letras).



28. AS CHARQUEADAS

A indústria do charque foi implantada no Rio Grande do Sul pelo português José Pinto Martins, que havia aprendido a técnica de secar a carne de boi no Ceará. Ele ergueu a primeira charqueada em 1780, às margens do Arroio Pelotas. Em 1814, os saladeiros já prosperavam.

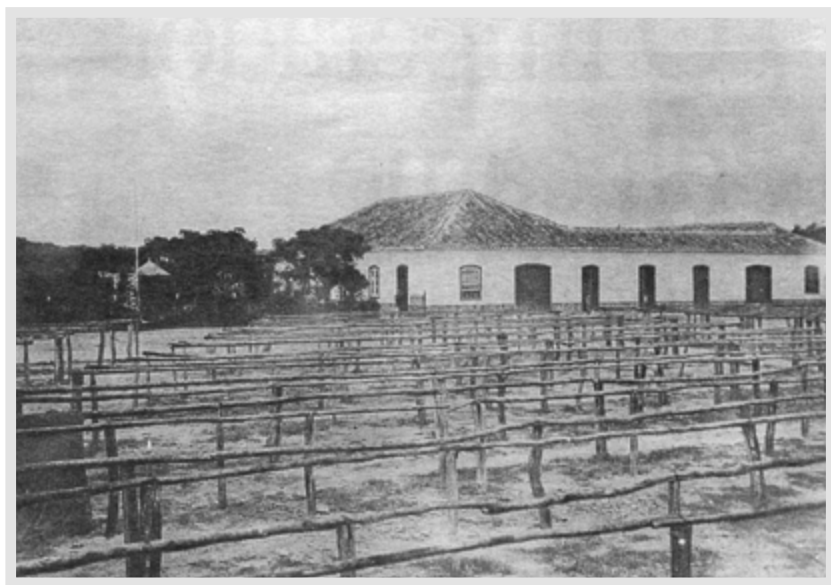
Uma das maiores charqueadas do Estado, a São João, foi construída em 1808. O viajante Saint-Hilair hospedou-se no casarão de Gonçalves Chaves, em setembro de 1820 e descreveu como era feito o charque: “Quando o animal é abatido, retalham-no, salgam os pedaços e colocam no tanque onde se impregnou de salmoura. Ao fim de 24 horas, vão para os secadouros (imensas varas), onde ficam durante 8 dias, quando há bom tempo. A carne seca não se conservava mais de um ano. Era exportada, principalmente para o Rio de Janeiro, Bahia e Manaus, onde servia de alimento para os negros”. O casarão da charqueada São João, que hospedou Saint-Hilair há duzentos anos, quase, retrata o esplendor da época.

As charqueadas trouxeram riquezas para os proprietários, mas impuseram os piores martírios aos escravos do Sul do país. Eram como campos de concentração, onde somente a morte ou a invalidez libertavam os serviçais. O naturalista francês observou que os “nativos era tratados com menos desumanidade que as outras regiões do Brasil”.



Sanda Mara Benvegnu escreveu no artigo no livro “Testemunhas da História”, editado pelo Instituto Histórico de Passo Fundo. Nesse trabalho a escritora diz a cerca da charqueada em Passo Fundo: “Foi em 1914 que deu inicio as atividade saladeiras em Passo Fundo. O local denominado de Umbu, caminho para o Pulador, situava-se às margens da linha ferra, a 17 quilômetros da sede do município... estendia sua ação para os municípios de Palmeira das Missões, Soledade, Lagoa Vermelha e Vacaria, como Campos Novos em Santa Catarina e Palmas e Clevelândia no Paraná!

Em 1931, no mês de dezembro, o Saladeiro São Miguel havia sido destruído pelo fogo. O saladeiro de São Miguel era uma vila. Tinha muita gente. Ali chegavam tropas enormes de gado e à matança começava altas madrugadas.



Varais de uma charqueada

29. OS SETE POVOS DAS MISSÕES: SÃO MIGUEL

De uma das civilizações mais presentes do século XVII, que legou belas lições de heroísmo e de capacidade criadora; que fundiu pela primeira vez o ferro no Brasil, que desenvolveu a agricultura e a pecuária, a arte, a música, o artesanato, a literatura, restam apenas ruínas, apenas escombros.

Ao percorrer o território missioneiro no Rio Grande do Sul encontramos somente vestígios da civilização de São Miguel, São Lourenço, São João Batista, São Nicolás, São Luiz, São Borja e Santo Ângelo. Destas, São Miguel guarda algumas lembranças, como a igreja e outros resquícios.

Segundo informações contidas no velho Correio do Povo de 24 de abril de 1983, encontrei o que segue sobre a redução de São Miguel: –“A igreja com 350 palmos de comprimento e cento e vinte de largura, com uma torre de 32 metros e suas naves laterais juntamente com o museu Lucio Costa constituiu a principal atração. O templo majestoso foi construído pelo arquiteto italiano, João Batista Primolli, o mesmo que ergue a catedral de Cardoba, na Argentina. Ocupou na sua construção mil índios durante dez anos. Ainda hoje, as pedras de toneladas desafiou a curiosidade, no que diz respeito a técnica usada para erguê-las”...



São Miguel foi à segunda redução fundada na banda oriental do Rio Uruguai. No ano de 1632 o padre Cristóvão Mendonza iniciava o povo de São Miguel que se tornaria a Capital dos Sete Povos. Foi o mais rico, o mais populoso e de onde partiria o grito de independência e caudilhismo gaúcho, através da revolta de seu corregedor, Sepé Tiaraju, no ano de 1750.

A redução chegou a possuir 1300 casas onde habitavam mais de 6000 guaranis civilizados. Nas redondezas, foram vistas as primeiras plantações de trigo, algodão, milho, mandioca, cana-de-açúcar, batata, ervilha e principalmente erva-mate que era exportada para a Europa. O gado era criado nas estâncias aos milhares e seu couro e carne também exportados. Havia cortumes, olarias, transporte organizado e indústria de tecidos.

Na frente da igreja, a praça que assistiu as procissões religiosas, as brilhantes competições esportivas, os desfiles dos guerreiros. E por todos os lados a paisagem aberta, larga, onde a vista descansa em horizontes azuis e verdes.

Essa civilização organizada pelos padres jesuítas e pelos indígenas guaranis foi destruída, pela ganância do governo de Portugal e Espanha. É a velha e atual luta pelo território, pela terra mãe, doada a todos nós pelo Criador.





Ruínas de São Miguel - RS



30. O CAUDILHO E O MÉDICO

O Jornal Zero Hora, publica uma edição especial sobre a Revolução Federalista ocorrida em 1893 a 1894. Diz à matéria:

“Inverno de 1892, cidade de Mello, no Uruguai a 60 quilômetros da fronteira brasileira. O Médico baiano Ângelo Cardoso Dourado, 36 anos, está ansioso para reunir-se com Gumercindo Saraiva, experiente caudilho que pode ajudar na revolução contra Júlio de Castilhos. Naquela manhã de inverno, os dois finalmente se encontraram no casarão de platibandas e cornijas adornando as cumpridas janelas, na esquina das ruas Dal Pillar com 18 de Julho. Dourado logo percebeu que aquele homem com menos de 1m e 70cm de altura, barbas negras, impõe uma carismática energia.

- Você não sabe o que é a guerra contra o governo que tem tudo: armas, munição, dinheiro. E dinheiro compra adeptos... Começa Gumercindo, enquanto deposita o chapéu num cabide, expondo a calvície já acentuada.

- Os compráveis... - observa o doutor, referindo-se aos eternos adesistas de todas as épocas.

- Sim, mas estes são muitos. Eu tenho prática disso, tenho passado minha vida nesta província e tomado parte em todas as suas lutas.

...



E entrevista não poderia ser em local mais seguro. Naqueles tempos a fronteira era movediça, ilusória, um risco tênue no mapa. E Mello é um antigo refúgio de exilados e gaúchos conspiradores. Bento Gonçalves, comandante dos farroupilhas andou lá... Antes do encontro com Gumercindo, Ângelo Dourado estava escrevendo artigos subversivos para o jornal uruguaio Dever Cívico.

Gumercindo e Dourado, se entenderam e ficaram amigos. A 5 de fevereiro de 1893, Gumercindo invade o Estado com o general Joca Tavares, por Bagé, capitaneando os revoltosos e um grupo de São José, chamados de “maragatos”. Está começando uma das maiores marchas militares e ameaça Júlio de Castilhos, Presidente do Estado do Rio Grande do Sul e a República.

O doutor Dourado acompanha todas as cavalgadas e combates, curando feridos. Nos momentos de folga, anota os principais acontecimentos, que mais tarde reuniria em seu clássico livro “Voluntários de Martírio”.

A 10 de agosto de 1894, o general Gumercindo Saraiva está no topo de uma coxilha no Carovi, a 25 quilômetros da Vila de Santiago do Boqueirão. É morte com fogo de pontaria. Antes de morrer, chega correndo seu médico, Ângelo Dourado, já preparando uma seringa com ergotina.

- Amigo, dem-me água, tenho sede, água fria, muito fria...

A bala inesperada fere fundo a revolução...

Ângelo Dourado cobre a cabeça de Gumercindo com seu velho poncho de guerra...”

O general Gumercindo Saraiva esteve lutando na Batalha de Passo Fundo, também chamada de Batalha do Pulador



– Foi sua última grande batalha.

Diz a história rio-grandense que seu rival inimigo Firmino de Paula mandou decepar a cabeça de Gumercindo para enviá-la como troféu a Júlio de Castilhos, governador do Rio Grande do Sul.



Aparício Saraiva no seu leito de morte, cercado por comandantes maragatos.



31. O GAÚCHO E O CAVALO

Porto Alegre era a capital da Província de São Pedro; Nela estava sediado o governo de Fernandes Braga, um interventor nomeado pelos regentes que tinham o poder no Brasil. Na noite de 19 para 20 de Setembro de 1835, formouse um pequeno exercito de 60 homens que deslocando-se sempre ao longo das margens do Guaíba, pela Vila Nova, Teresópolis, Glória, Lomba do Cemitério e Azenha, atravessa o riacho Dilúvio, onde hoje existe a ponte de concreto, entre o hospital Ernesto Dorneles e uma avenida. Na época a ponte era de madeira, um pontilhão. E ali encontraram os primeiros adversários. Poucos, que bateram em retirada.

Sempre pela Azenha, atravessando chácaras de plantações, os farrapos chegaram ao muro que contornava a área urbana da cidade. A entrada, já na madrugada de 20 de setembro, foi através da Praça do Portão; Lá a luta foi forte; Na base do combate com lança e espada. Alguns mortos e muitos feridos, mas os farrapos puseram os imperiais em fuga;

No dia 25 o General Bento Gonçalves chega triunfante e lança o seguinte manifesto: “Em nome do povo do Rio Grande do Sul, depus o governador Braga e entreguei o governo ao seu substituto legal, Marciano Ribeiro. Em nome do Rio Grande do Sul eu lhe digo que nesta província extrema, afastada dos corrilhos e conveniências da Coorte, dos rapa-



pés e salamaleques, não toleramos imposições humilhantes, nem insultos de qualquer espécie. O pampeiro destas paragens tempera o sangue rio-grandense de modo diferente de certa gente que há por aí... Em nome do Rio Grande, como brasileiro, eu lhe digo senhor Regente: reflita bem antes de responder, porque de sua resposta, depende, talvez o sossego do Brasil. Dela resultará a satisfação dos justos desejos de um punhado de brasileiros que defende com voracidade uma nesga fecunda da Pátria, e dela poderá também resultar uma luta sangrenta, a ruína de uma Província, ou a formação de um novo Estado dentro do Brasil”.

Segundo o historiador Walter Spalding, a regência, porém, não ouviu as razões apresentadas e a luta prosseguiria durante quase dez anos ensanguentando o solo rio-grandense do sul. A Revolução de 35 foi a mais tenaz que os rio-grandenses sustentaram. No entanto, lembrando a enorme extensão dos campos, a grande quantidade de cavalos que vagavam desocupados, foram a luta. Os gaúchos, não raro, abandonavam nos campos a andadura cansada que trazia para substituí-la pela primeira que encontrasse, a qual era como “coisa pública”. – Daí podemos avaliar a facilidade que tiveram os farrapos em levantar as suas garbosas legiões.

Aí reside o segredo dessa resistência enorme de 10 anos de Revolução Farroupilha. Tendo um cavalo, pois que a lança se fazia de uma faca presa numa vara. – O gaúcho, em suas correrias pelas canhadas, pelas rastingas, pelos passos que ele conhecia, palmo a palmo, embora seminu, embora coberto de pano velho, é o rebelde e tenaz, é o farrapo glorioso que se bate pelas autonomias locais, derramando o



sangue pelos seus princípios, traçando com a espada brilhante, nas fronteiras provinciais, o mapa da federação.

Mas o espírito de aventura, de audácia, de temeridade diminuíram em consequência da falta de cavalos nos campos. Esse elemento rio-grandense, torna-se dia-a-dia inferior a diminuto. – Já não são as estâncias que fornecem, por meio de fazendeiros revoltados, as numerosas cavalhadas necessárias. E os revolucionários se vêm obrigados a tirá-las das colônias, contra a vontade de seus donos. Os cavalos são entregues sob protestos e, por vezes, esse protesto é tão grande que as regiões coloniais ameaçam armar-se para não entregar aos revolucionários esse elemento precioso e poderoso.

E o gaúcho fica desprovido da sua melhor arma, fica desprovido do poder de deslocar-se com facilidade e a qualquer hora. As suas revoluções já não têm mais a intensidade das anteriores. – Diminuído o espírito aventureiro do gaúcho, desprovido do seu maior elemento bélico, o qual longe de ser fornecido pelos seus comandantes é tirado, a força de donos que lhes pode fazer todo o mal possível na luta em defesa de suas propriedades. Depara-se o gaúcho com o crepúsculo da revolução. – Ela tem cada vez menos intensidade, enquanto as forças do império, se torna mais eficaz. E a revolução chega a seu final.





Gaúcho conduzindo uma tropa



32. “O GAÚCHO MORREU, DESDE QUANDO”?

Guilhermino Cesar, escritor da nossa terra é quem fez essa pergunta.

Entre outras coisas ele dizia: - “A morte do gaúcho é um tema repetitivo. Mal havia surgido a sociedade pastorel da fronteira os primeiros observadores o consideravam como um elemento marginal em retirada...”.

O velho cacique, nos versos de Gonçalves Dias, afirma, para crer: “Meninos, eu vi”.

Em face do gaúcho poucos são os que dizem: “eu vi”. Preferiu dizer: - “quando existia o gaúcho...”.

Desta forma, contam-se nos dedos os que descreveram no presente do indicativo.

Tratam-no como ele já houvesse desaparecido do espaço físico, deixando vivas somente as brasas do fogão. O escritor diz que esse gaúcho de ontem, passa a ser em consequência, muito mais uma forma poetizada, um mito, do que uma criatura de sangue e nervos”.

Ciro Martins, outro escritor e romancista gaúcho, descreve o gaúcho do século XX chamando-o de “gaúcho a pé”... fruto da urbanização dos meios e consequente marginalização econômica do campeador tradicional, relíquia de um tempo anterior ao dos sesmarias.

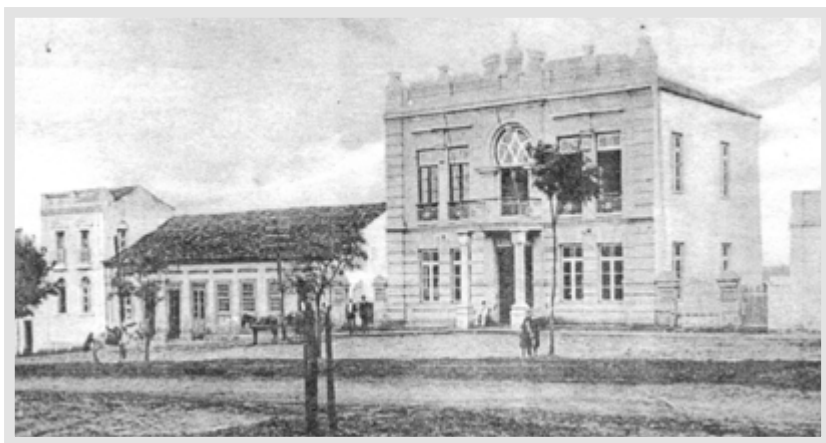


Guilhermino Cesar diz que “a estrada de ferro, as rodovias, em seguida ao desemprego do aramado introduziria, posteriormente, uma revolução no campo”. Ciro Martins diz que o homem do campo foi exilado, produzindo, assim o gaúcho a pé, caindo, recua e engrossa o proletariado das grandes e médias cidades para conhecer uma nova miséria.

Logo após a primeira guerra mundial a figura do gaúcho fica esquecida no tempo. “O gaúcho já não é mais o mesmo. Tem outro tombo na andadura e outra linha nos arremetidos físicos. É mais por um tocante respeito ao passado, por um mero sentimento de apego a herança avarengo, do que por imposição de hábitos, que vemo-lo enfiar o poncho e as botas, reatar o lenço colorado no pescoço, arrastando as chilenas barulhentas”... escrevia Roque Callage. E concluía o escrito sobre o regionalismo gaúcho, mas primeiras décadas do século passado: - “O gaúcho na sua significação primitiva é um fantasma, um centauro que desapareceu num pôr-do-sol, talvez numa estância erma, justamente de onde saíra com os loucos de sua bravura e com a faceirice do seu pingo...” “Dizem que o gaúcho morreu. Quem se atreve enterrá-lo, se falta à certidão de óbito?” (Guilhermino Cesar).

“O gaúcho é como cinamomo
duma ponta de raiz brota de novo
e em outro cinamomo fica de pé.
Nem o tempo há de vencê-lo.
Um gaúcho se mata e não se vence,
se a geada mata no inverno,
na primavera volta mais viçoso”
(Vergas Netto)





Intendência Municipal de Passo Fundo - RS,
no início do século XX.





A Catedral, a praça e a cuia de chimarrão, pontos turísticos de cidade de Passo Fundo - RS



REFERÊNCIAS

- FORTINI, Archimedes, 675^a Aniversário da Civilização Italiana no RS, Sulua, 1952
- FLORES, Moacyr, Revolução Farroupilha, Mortus Lebreiro, 1984
- LESSA, Barbosa, prazer em conhecê-lo Ed. Globo
- Mãe Gaucha, governo do Estado do RS, 1978
- Nativismo - Um fenômeno Soul Gaúcho, LPM, 1985
- REVERBEL, Carlos, Maragatos e Pica-Paus, LPM, 1985
- SAINT HILAIS, Augusto, Viajuy ou RS, USP 1974
- SFALDING, Walter, Revolução Farroupilha, Ed Naioul, 1982
- SOARES, Mozart Pereira, Santo Antônio Da Palmeira, 1974
- VELHINHO, Moises, Capitania d` Del Rei, Ed. Globo
- Revista Do Instituto Histórico E Geográfica do RS, 1935
- Calendário Histórico – Cultural do RS
- História Ilustrada do RS – J. A Editora
- O sentido e o Valor do Tradicionalismo, 1954
- Testemunhas da Historia, Instituto Histórico de Passo Fundo, 2010
- Cadernos Culturais Do Rio Grande do Sul
- Jornal Correio do Povo E Zero Hora de Porto Alegre
- Jornal O nacional e Diário da Manha de Passo Fundo
- Província de São Pedro, Ed. Globo, 1946





Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br

Este pequeno livro, sintetiza alguns episódios que se desenrolaram na terra gaúcha do Rio Grande do Sul, sua origem, sua gente, sua história, seus costumes...

São fatos já contados pela nossa gente, porem, numa linguagem simples e ilustrada, organizadas pelo professor Welci Nascimento. É mais uma contribuição para a formação cultural dos nossos peões e prendas do Rio Grande de São Pedro.

Apoio:

Projeto Passo Fundo e



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura